REVISTA DA ACADEMIA BRASILEIRA DE FILOLOGIA



Volume XXXV

2025

REVISTA DA

ACADEMIA BRASILEIRA DE FILOLOGIA

Volume XXXV - 2025

e-ISSN: 2763-7301 | ISSN: 1676-1545

EQUIPE EDITORIAL

Editor

Amós Coêlho da Silva

Assessoria Técnica

Danilo Villela

CONSELHO EDITORIAL

- •Afrânio da Silva Garcia (UERJ / ABRAFIL)
- Álvaro Alfredo Bragança Júnior (UFRJ / ABRAFIL)
- •Carlos Eduardo Falção Uchôa (UFF / ABRAFIL)
- •Castelar de Carvalho (ABRAFIL / LICEU LITERÁRIO)
- •Ceila Maria Ferreira Batista (UFF / ABRAFIL)
- •Claudio Cezar Henriques (UERJ /ABRAFIL)
- •Domício Proença Filho (UFF /ABRAFIL)
- •Dulcileide Virginio do Nascimento Braga (UERJ /ABRAFIL)
- •Edila Vianna da Silva (UFF/ABRAFIL)
- •Evanildo Bechara (ABRAFIL / ABL / LICEU LITERÁRIO)
- •Fernanda Lemos de Lima (UERJ / ABRAFIL)
- •Fernando Ozório Rodrigues (UFF / ABRAFIL)
- •Flávio de Aguiar Barbosa (UERJ / ABRAFIL)

- •Francisco da Cunha e Silva Filho (UFRJ / ABRAFIL)
- •Hilma Pereira Ranauro (UFF / ABRAFIL)
- •Luíz César Saraiva Feijó (UERJ / ABRAFIL)
- •Luiza Leite Bruno Lobo (UFRJ / ABRAFIL)
- •Manoel Pinto Ribeiro (UERJ /ABRAFIL)
- •Marina Machado Rodrigues (UERJ / ABRAFIL)
- •Mauro de Salles Villar (ABRAFIL)
- •Maximiano de Carvalho e Silva (UFF / ABRAFIL)
- •Miriam Therezinha da M. Machado (UFF / ABRAFIL)
- •Nilda Santos Cabral (UFF / ABRAFIL)
- •Paulo César Costa da Rosa (UERJ / ABRAFIL)
- •Ricardo S. Cavaliere (UFF/ABRAFIL/L. LITERÁRIO)
- •Terezinha M. da F. P. Bittencourt (UFF / ABRAFIL)

Apoio editorial Academia Brasileira de Filologia

Diretoria Academia Brasileira de Filologia

Triênio: maio de 2024 a maio de 2027

Presidente Amós Coêlho da Silva

> Vice-presidente Deonísio da Silva

Primeiro Secretário Pedro Ivo Zaccur Leal

Segundo Secretário Luiz Fernando Dias Pita

Tesoureiro Márcio Luiz Moitinha Ribeiro

Relações públicas Professor Doutor Afrânio da Silva Garcia

Bibliotecário Professora Doutora Arlete José Mota

Presidentes de Honra da ABRAFIL



Professores Evanildo Bechara e Leodegário A. de Azevedo Filho

SUMÁRIO

EDITORIAL
FRANCISCO PEREIRA DA SILVA FONTINELE E MARIA ANGÉLICA FREIRE DE CARVALHO - A CONSTRUÇÃO DA LINGUÍSTICA TEXTUAL NOS ESTUDOS DA LINGUAGEM PERCURSO HISTÓRICO E DESDOBRAMENTOS TEÓRICOS NO MUNDO E NO BRASIL
AFRÃNIO DA SILVA GARCIA - O BOM PORTUGUÊS E O MAU PORTUGUÊS3
MARCELO MORAES CAETANO - CENTRO FILOLÓGICO CLÓVIS MONTEIRO – CEFIL – UERJ4
LUIZ CESAR SARAIVA FEIJÓ - O TOPÔNIMO CAMBORIÚ: RIG E CIDADE8
FRANCISCO CUNHA E SILVA FILHO - POESIA E RUPTURAS EN LUIZ FILHO DE OLIVEIRA8
ADRIANO BRAGA BRESSAN E NATANIEL DOS SANTOS GOMES - UM ESTUDO EM VERMELHO: A PERIODIZAÇÃO DO GÊNERO SUPERAVENTURA EM SUPERMAN - ENTRE A FOICI E O MARTELO
GUILHERME SFREDO MIORANDO - "VEIO DA HAVAN" OU "CAPITÃO BRASIL"? DISPUTA DE SENTIDOS SOBRE AS ALCUNHAS DO EMPRESÁRIO LUCIANO HANG EM NOTÍCIAS ONLINE

WELLINGTON	NASCIMENTO	ALVES -	TEORIAS	DA
ARBITRARIEDA	DE DO SIGNO LI	NGUÍSTICO .		148
	RANTES - A CIDA			
,	ÇÃO NA LINGUA			
				. 159
	ERREIRA BATIST			
	, DE MACHADO	,		
	EXTUAL/FILOLO			
DE "ESCOVAR A	A HISTÓRIA A CO	ONTRAPELO)"	171
	,			
	IDRADE GÓIS E			
	LA: UM ESTUDO			
				. 183
HOMENAGEM A	O PROFESSOR E	VANILDO BI	ECHARA	. 212
RENIÕES DE HO	MENAGEM NA U	JE RJ		. 215

EDITORIAL

A Academia Brasileira de Filologia homenageia nesta edição o Professor Evanildo Bechara, que nos deixou dia 22 de maio de 2025, justamente, nossa hoemangem no mês do professor: outubro. Tanto sua atividade oral quanto escrita se tornou uma referência internacional. Seu empreendimento pedagógico não era militar apenas em nível de pós-graduação, mas sim aproximar o dicionário e a gramática do falante de português, resgatando a utilidade social dos fundamentos do português. Já era professor titular e emérito, além de membro da Academia Brasileira de Letras, quando deu uma aula para turma de especialização de Latim e defendeu a importância de se conhecer "dois dedos de latim", como costumava se referir a esta disciplina *Lato Sensu* - e, isso, numa ocasião em que a preferência estudantil era por *Stricto Sensu*, muitas vezes sem o embasamento necessário de leitura.

O acadêmico Afrânio aborda registros de uso da linguagem e necessidade de consulta à gramática. O leitor poderá ler sobre Lingüística textual, sob os auspícios da Professora Maria Angélica e seu orientando Francisco. A professora Ceila nos apresenta algumas reflexões de caráter exegético sobre "O Alienista", de Machado de Assis. O Professor Marcelo ressalta, dentre múlitplos aspectos importantes para leitor, a questão intedisciplinar do Centro Filológico Clóvis Monteiro – CEFIL-UERJ... Luiz Cesar Saraira Feijó põe em destaque a questão etimológica...

Em Christina Ramalho e Guilherme Andrade Góis temos um exemplo discursivo – de tom esquizofrênico, mui semelhante à aula inaugural de Michel Foucault – *A Ordem do Discurso*, a questão de grupo que realiza controle social, organizando e distribuindo certo número de procedimentos...

Em Nataniel, Adriano e Wellington e Guilherme Sfredo Miorando... põe em cena os estudos linguísticos, discursivos, semióticos, socioculturais, históricos... Tais Turaça traz à tona aspecto corrosivos da cidade com Rubens Fonseca...

Apresentação de aspectos líricos da poesia medieval em Afonso X que "envereda por muitas trilhas, sempre vislumbrando ao final de cada vereda uma virtude, uma grandeza especial com que Deus (...)". Francisco Cunha apresenta a "poesia de Luiz Filho de Oliveira, uma voz ainda jovem da poesia produzida no estado do Piau, Brazil" e reação contrária à estética inovadora de poetas dos anos 22 e 30.

A CONSTRUÇÃO DA LINGUÍSTICA TEXTUAL NOS ESTUDOS DA LINGUAGEM: PERCURSO HISTÓRICO E DESDOBRAMENTOS TEÓRICOS NO MUNDO E NO BRASIL

Francisco Pereira da Silva Fontinele¹ Maria Angélica Freire de Carvalho²

RESUMO

Propomos neste artigo uma análise do percurso histórico e dos desdobramentos teóricos da Linguística Textual (LT), área que tem o texto como objeto de estudo, desde sua consolidação na Europa, na década de 1960, até sua expansão ao contexto brasileiro, destacando abordagens multimodais na contemporaneidade sobre o texto e suas funcionalidades. O objetivo é evidenciar como a LT, enquanto ciência do texto, evoluiu gradualmente ao longo do tempo, desde uma perspectiva inicialmente preocupada com critérios de textualidade, com foco em elementos como coesão e coerência, até os dias atuais com foco em uma perspectiva multimodal, agregando outras semioses além do verbal. Seguimos uma metodologia exploratória, bibliográfica e qualitativa, com respaldo em diferentes autores, como Marcuschi (1998, 2020), Koch (2005, 2015), Koch e Elias (2009), os quais constituíram a nossa base teórica. Destacamos as diferentes fases da LT atravessadas ao longo do tempo e o que os autores da época defendiam teoricamente sobre o texto. Constatamos um alargamento teórico constante da LT nos estudos da Linguagem, o que vem ampliando gradualmente a concepção de texto e o que o define como tal. Atualmente percebemos uma nova tendência, um momento marcado por muitas pesquisas que buscam a aplicação do arcabouço teórico da LT aos 1-Doutorando em Linguística pelo Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal do Piauí-UFPI. Mestre em Letras pela Universidade Federal do Piauí-UFPI. Integra o grupo de Pesquisa Proletras/UFPI. Lattes: http://lattes.cnpq.br/1103984187705565. ORCID: https://orcid.org/0000-0002-1841-2404. E-mail: franciscofontinele2018@gmail.com

²⁻ Doutora em Linguística pela Universidade Estadual de Campinas. Mestra em Educação pela Universidade Estadual do Rio de Janeiro-UERJ. Coordenadora do Grupo de Pesquisa Proletras/UFPI. Atualmente é professora Titular da Universidade Federal do Piauí-UFPI. Lattes: http://lattes.cnpq.br/9911594685733914. ORCID: https://orcid.org/0000-0003-1160-9359. E-mail: angelifreire@ufpi.edu.br

textos verbo-visuais. Conclui-se que a LT, ao atravessar diferentes momentos no texto, tem conseguido adaptar-se aos novos contextos, consolidando-se como uma área em evolução constante.

Palavras-chave: Texto; Linguística Textual; construção de sentidos; Multimodalidade

ABSTRACT

This paper proposes an analysis of the historical trajectory and theoretical developments of Text Linguistics (TL), a field that takes the text as its object of study, from its consolidation in Europe in the 1960s to its expansion in the Brazilian context, highlighting contemporary multimodal approaches to the text and its functions. The objective is to show how TL, as a science of the text, has gradually evolved over time—from an initial concern with textuality criteria, focused on elements such as cohesion and coherence, to current multimodal perspectives that integrate semiotic systems beyond the verbal. The study follows an exploratory, bibliographic, and qualitative methodology, supported by different authors, such as Marcuschi (1998, 2020), Koch (2005, 2015), and Koch and Elias (2009), who constitute the theoretical framework. The discussion emphasizes the different phases of TL throughout time and the theoretical positions defended by scholars of each period. The results indicate a continuous theoretical expansion of TL within Language Studies, which has gradually broadened the concept of text and its defining features. It is observed that current research tends to apply the theoretical foundations of TL to verbo-visual texts. It is concluded that TL seeks to adapt to new contexts, consolidating itself as a field in constant evolution.

Keywords: Text; Text Linguistics; meaning construction; Multimodality.

INTRODUCÃO

A Linguística Textual (LT) em seu percurso de consolidação, atravessou diferentes momentos e fases com perspectivas e focos quanto ao seu objeto de estudo, consolidou-se a partir da década de 1960, na Europa, precisamente na Alemanha. Surgiu com a necessidade de compreender o texto como unidade de sentido, de modo que inicialmente passou-se a considerar critérios definidores de texto. Seu desenvolvimento ao longo do tempo tem mostrado uma constância no alargamento teórico, de um enfoque inicial centrado na coesão, coerência textual e critérios de textualidade, evoluiu de modo a considerar dimensões pragmáticas, cognitivas e, atualmente,

multimodais. Isso se deve de fato ao momento atravessado pela teoria, o que implica incorporar o contexto histórico e social de cada época, o que é natural que ocorra, refletindo as necessidades, interesses e transformações daquele momento.

Sendo assim, neste artigo, propomos uma análise do percurso histórico da Linguística Textual do Mundo e no Brasil, apontando contribuições teóricas para a compreensão dos mecanismos de construção de sentido no texto. Justifica-se a realização desta análise do percurso da Linguística Textual (LT) pelo fato de que, ainda que muito se tenha dito sobre as fases da LT, observamos que, no contexto da teoria, há uma carência de estudos que revisitem, de forma sistemática, o seu desenvolvimento histórico, tanto no cenário internacional quanto brasileiro, destacando como a teoria tem expandido suas fronteiras analíticas.

Carmelino e Ramos (2023) apontam para a existência de uma nova virada na trajetória da Linguística Textual brasileira: a virada multimodal. Para os estudiosos, as pesquisas que envolvem os textos compostos por diferentes modalidades de linguagem, configura um cenário que reposiciona a Linguística textual para o que eles argumentam de virada multimodal. Comungamos do postulado dos autores, uma vez que reconhecemos que revisitar o percurso histórico da LT é fundamental não apenas para compreender seus fundamentos teóricos, mas também para evidenciar como tais vêm sendo alargados para às novas composições textuais. Aqui, nossa proposta de analisar esse percurso, tanto em âmbito internacional quanto nacional, nos leva a destacar como os avanços teóricos, como a própria virada multimodal proposta pelos autores, impactam na compreensão atual dos processos de construção de sentido no texto.

Embora comunguemos da perspectiva empreendida por Carmelino e Ramos (2023), nosso trabalho se distingue por não propor uma virada teórica, mas sim evidenciar um processo contínuo de alargamento da Linguística Textual (LT), inclusive no contexto atual. Assim, nosso objetivo é trilhar um percurso analítico, que demonstre como a LT vem ampliando suas fronteiras analíticas até o contexto atual.

Para tanto, seguimos uma perspectiva metodológica exploratória e qualitativa, com respaldo em diferentes autores, dentre eles Marcuschi (1998, 2020), Koch (2005, 2015), Koch e Elias (2009), os quais constituem a nossa base teórica. Sendo assim, em um primeiro momento traçamos um percurso da LT no mundo e posteriormente apresentamos no Brasil.

Desdobramento da Linguística textual no mundo

A Linguística Textual começou a desenvolver-se na década de 1960, na Alemanha, a partir dos estudos de Roland Harweg, Harald Weinrich, Wunderlich e Siegfried J. Schmidt. Para Koch e Fávero (2005), embora o desenvolvimento inicial da LT seja atribuído a esse período na Alemanha, a origem do termo pode ser identificada em Cosériu (1955), o qual não o utilizou com o mesmo sentido que se lhe atribui hoje. Somente em Weinrich (1966, 1967) percebeu-se o emprego do termo com o sentido atual (Koch; Fávero, 2005).

Segundo Marcuschi (2020), a LT se desenvolveu de forma independente por vários países da Europa, com distintas propostas teóricas apresentadas por diferentes estudiosos. Nesse sentido, Bentes (2007) esclarece que a LT atravessou inicialmente três fases durante a sua trajetória de desenvolvimento, quais sejam: a transfrástica, as gramáticas de texto e a teoria do texto.

No primeiro momento, os estudiosos procuraram investigar as regularidades que transcendem os limites do enunciado. Assim, a preocupação voltava-se para os critérios de textualidade que fazem parte da definição do texto, como a coesão e a coerência textuais. Nesse cenário, a coesão textual relacionava-se à disposição de pronomes no interior do texto. Logo, o conceito de texto estava ligado ao plano material, limitado a expressões anafóricas e catafóricas que se realizavam no interior do texto (Koch, 2008).

Os pesquisadores adeptos dessa linha de pensamento acreditavam que a coesão marcada era indispensável em se tratando de pensar a coerência de um texto. Em outras palavras, as pesquisas destinavam-se a investigar as relações que se estabelecem entre os enunciados que compõem uma sequência significativa. Entre tais relações, pode-se destacar os casos referenciais por meio de pronomes, os quais constituíam um dos principais fenômenos de coesão textual.

Nessa linha, destacam-se os trabalhos de Harweg (1968 apud Fávero; Koch, 2005). Para ele, os pronomes, como forma linguística que retomava ou substituía outra expressão linguística, compunham a definição de texto, uma sucessão de unidades linguísticas formadas por um encadeamento de pronomes para a construção de sentidos.

Harweg (1968 apud Fávero; Koch, 2005) defendia que o texto se constituía como uma disposição sequencial de pronomes, em que o encadeamento de ideias de um texto ocorria pelo múltiplo referenciamento. O objeto, aquilo sobre o que se fala, era retomado ao longo do texto por meio de distintas formas, e uma delas era o pronome. Desse modo, o estudioso propôs que a sequência de enunciados articulados por meio de pronomes estabelecia as relações de sentido entre as sentenças construídas no desenrolar do texto.

Nessa fase, outros fenômenos foram investigados, como seleção de artigos definido e indefinido, concordância de tempos verbais e relação entre tópicos do texto. Foram estudos sobre a articulação entre sequências de enunciados que levaram estudiosos a investigarem a relação entre uma sequência de enunciados e outra com a ausência de elementos conectores. Nesse caso, o leitor teria que construir cognitivamente o sentido estabelecido entre as sequências de enunciados que constituíam um texto, identificando a articulação e o sentido pretendido entre os enunciados. Desse modo, considerava-se o conhecimento do leitor para a construção do sentido, as estratégias inferenciais por ele empregadas.

Ademais, destacamos nessa fase histórica as pesquisas de Halliday e Hasan (1976 apud Koch; Fávero, 2005), os quais se dedicaram a examinar o fenômeno da coesão textual. Os teóricos argumentavam que a coesão se caracterizava como um conceito semântico que se refere às relações de sentido existentes no interior do texto. Para eles, os elementos de coesão eram indispensáveis para a produção de sentido de um texto, e a ausência de mecanismos coesivos comprometia a interpretação do leitor.

Halliday e Hasan (1976) propuseram o conceito de texto relacionado à existência da coesão (Koch; Fávero, 2005). No entendimento dos autores, configura-se texto aquele em que a coesão era perceptível e articuladora. Esses dois teóricos passaram a perceber que a coesão estabelece uma relação semântica entre um elemento do texto e algum outro, crucial à sua interpretação. Desse modo, a coesão deveria ser um dos princípios que caracterizavam a definição de texto, entendimento que passou a conceituar texto como unidade semântica.

Em linhas gerais, Halliday e Hasan (1976) defendiam que, por estabelecerem relações de sentido, as sentenças de um texto ligavam-se umas às outras por meio de mecanismos coesivos que articulavam o sentido do texto. No entanto, não desconsideravam a possibilidade de o leitor recorrer a seus conhecimentos. O texto era visto como uma unidade semântica articulada por elementos responsáveis pela construção da coesão do texto, que, ao se relacionarem entre si, estabeleciam a construção de sentidos e formavam o conceito de texto (Koch; Fávero, 2005).

Nessa fase, reconhecemos que foi dado um passo para a construção das gramáticas de texto, uma vez que as discussões, embora internas ao texto, não se limitaram ao plano das frases, mas sim à articulação entre as sentenças que formam um texto. Nesse sentido, Koch e Fávero (2005) argumentam que, nessa fase da LT, é preciso ressaltar o fato de que o texto não chegou a ter um tratamento autônomo, tampouco os modelos teóricos foram capazes de

atribuir um procedimento unificado aos fenômenos investigados no texto.

Os teóricos que investigaram a relação entre as sequências de enunciados consideraram relevante o conhecimento do leitor/falante para a construção do sentido entre os enunciados. Isso, por sua vez, configurou um dos motivos para o surgimento de outra fase da LT, que não concebia o texto como apenas uma soma entre enunciados (Bentes, 2007). Podemos verificar que tal fase, embora se limitasse ao aspecto interno do texto, possibilitou estudos que culminaram no surgimento das gramáticas de texto.

Na segunda fase da LT, conhecida como gramáticas de texto, os estudiosos passaram a considerar o texto como objeto de estudo da Linguística. Naquele momento, a preocupação era estabelecer regras a serem usadas pelos falantes. Segundo Marcuschi (1998), conquanto houvesse uma ampliação nos estudos da linguagem, muitos tinham em mente a possibilidade de enxergar o texto sob a ótica do sistema abstrato estrutural da língua.

Para Koch e Fávero (2005, p. 14), "a gramática textual surgiu com a finalidade de refletir sobre fenômenos linguísticos inexplicáveis por meio de uma gramática do enunciado". Desse modo, essa fase da LT entendia o texto como mais do que uma sequência de enunciados e que a produção e a compreensão eram oriundas de uma competência inata do sujeito. Vale ressaltar que não é possível afirmarmos que ocorreu uma ordem cronológica entre a análise transfrástica e a proposta das gramáticas de texto, pois esta última surgiu com a intenção de investigar fenômenos linguísticos que não foram explicados pela fase transfrástica. Da mesma maneira, não houve rupturas, uma vez que ideias e estudos de ambas as fases permaneceram e continuaram em vigor na época, revelando o contínuo das reflexões.

Essa fase da LT foi influenciada pelo gerativismo, corrente linguística que defende que os usuários da língua possuem uma competência inata da linguagem. Esse ciclo da LT abrangeu a competência linguística do falante, propondo que, com base no sistema de regras finito, criado para ser partilhado entre os usuários da língua, seria possível os falantes identificarem se dada sequência de frases constituía um texto. Nas palavras de Bentes (2007, p. 251):

O projeto de elaboração de gramáticas textuais foi bastante influenciado, em sua gênese, pela perspectiva gerativista. Essa gramática seria, semelhante à gramática de frases proposta por Chomsky, um sistema finito de regras, comum a todos os usuários da língua, que lhes permitiria dizer, de forma coincidente, se uma sequência linguística é ou não um texto, é ou não um texto bem informado. Este conjunto de regras internalizadas pelo falante constitui, então, a sua competência textual.

Dessa forma, os estudiosos passaram a advogar que o sujeito tinha uma competência textual inata de forma semelhante à competência linguística proposta por Chomsky. Isso porque partiam da ideia de que todo sujeito falante tinha a capacidade de diferenciar um texto coerente de um incoerente, bem como outras capacidades, como parafrasear, resumir um texto, perceber se um texto está completo ou não, verificar ou atribuir um título a ele (Koch, 2015). Nesse ciclo, em vez de partir da frase para o texto, procuravam, a partir do texto, chegar às segmentações menores para, enfim, classificá-las.

Nessa linha, a abordagem do texto se modificou. No lugar de um conjunto de enunciados dispostos com relação de sentido entre as sentenças, passou a ser visto como uma unidade linguística, em que as estruturas deveriam ser determinadas por meio de regras propostas por uma gramática de texto. Nessa perspectiva, pontuamos os trabalhos desenvolvidos por Weinrich (1964, 1971, 1976 apud Koch; Fávero, 2005), Petõfi (1973 apud Koch; Fávero, 2005) e Van Dijk (1972 apud Koch; Fávero, 2005).

Harald Weinrich (1964 apud Koch; Fávero, 2005), como autor de abordagem estruturalista, ocupou-se da construção de uma gramática textual. Propôs a elaboração de uma macrossintaxe do discurso com base em mecanismos gramaticais, como artigos, tempos verbais e advérbios. Assim, definiu o texto como uma sequência contínua de lexemas e morfemas que se coadunam para a constituição do texto. Nessa perspectiva, o texto era considerado uma estrutura determinada, na qual os elementos que o compõem estão interligados entre si para construir o sentido.

Esse teórico alavancou seus estudos com a gramática textual da língua francesa (*Textgrammatik der franzosischen sprache*) e a gramática textual da língua alemã (*Textgrammatik der deutschen sprache*), obras nas quais concretiza suas ideias de construir gramáticas textuais para estabelecer a macrossintaxe por meio de elementos gramaticais que explicariam e caracterizariam o fenômeno da textualidade. Tais estudos, sobretudo acerca dos tempos verbais, constituem até hoje, nos estudos linguísticos, sua relevância para compreender o funcionamento dos textos e de elementos de textualidade.

Diferentemente de Weinrich (1964), Van Dijk (1972 apud Koch; Fávero, 2005) apresentou uma proposta de gramática textual voltada para a macroestrutura do texto, a qual seria responsável pela constituição textual. Sendo assim, teceu alguns argumentos, conforme Koch (2015, p. 23-24) pontua:

1) Cabe à teoria linguística em geral e às gramáticas textuais em particular

dar conta da estrutura linguística de enunciados completos, isto é, também de enunciados constituídos de sequências de frases.

- 2) Existem propriedades gramaticais além do limite das sentenças, por exemplo, as relações semânticas entre elas.
- 3) O estudo do texto/discurso permite chegar a generalizações sobre as propriedades de períodos compostos e de sequências de frases.
- 4) Certas propriedades linguísticas fazem parte de unidades suprassentenciais, como, por exemplo, fragmentos de texto, parágrafos, sequências, bem como a macroestrutura textual.
- 5) O relacionamento entre gramática e pragmática pressupõe uma descrição gramatical tanto de sequências de frases, como de propriedades do discurso como um todo, para dar conta de fenômenos como a relação entre atos de fala e macroatos de fala.
- 6) Uma gramática textual fornece uma base mais adequada para um relacionamento mais sistemático com outras teorias que se ocupam do discurso, como a estilística, a retórica, a poética, entre outras.
- 7) Uma gramática de texto oferece melhor base linguística para a elaboração de modelos cognitivos de desenvolvimento, produção e compreensão da linguagem.
- 8) Uma gramática textual fornece melhor base para o estudo do texto e da conversação em contextos sociais, interacionais e institucionais, bem como para o estudo dos tipos de discurso e usos da linguagem entre culturas (Koch, 2015, p. 23-24).

Não obstante Van Dijk (1972 apud Koch; Fávero, 2005) mencionar em seus argumentos elementos pragmáticos e do discurso, focamos a gramática de texto proposta pelo teórico. O estudioso apresentou uma discussão sobre macroestruturas, aquelas que possibilitam ao leitor ter uma construção de sentido global sobre o que o texto diz, estabelecendo relações de coerência ao longo da progressão das ideias do texto. Um exemplo de macroestrutura seria a relação de sentido que os parágrafos mantêm entre si ao longo do texto.

O modelo de gramática postulado por ele apresentava, pois, três características. A primeira inseria-se na perspectiva gerativista, ao passo que a segunda utilizava a lógica formal e sistemática da língua e a terceira integrava a gramática da frase à do texto. Logo, sua proposta de gramática textual visava estabelecer as estruturas internas denominadas macroestruturas, responsáveis pela constituição do texto todo.

Ainda nesse ciclo da LT, emerge o modelo de gramática textual

proposto por Janos Petőfi (1973 apud Koch, 2015). Segundo Koch (2015, p. 22), esse modelo consistia em "uma representação semântica indeterminada com respeito às manifestações lineares do texto, as quais são determinadas pela parte transformacional". Nessa época, o estudioso defendia que, por meio desse modelo, eram possíveis a análise, a síntese e a comparação de textos, visto que se privilegiava o léxico com representações semânticas em grande escala.

De encontro à abordagem de Weinrich (1964) e Van Dijk (1972), Petôfi (1973 apud Fávero; Koch, 2005) postulava que a gramática de texto constituía apenas um dos elementos da sua teoria do texto, indispensável para pensar os componentes de textualidade que faziam parte de um texto. Ele também indicou um componente semântico-extensional, responsável pela interpretação semântica. Essa teoria, denominada de estrutura do texto (*Texstruktur weltstrukur*), tinha como foco a relação entre a estrutura de um texto e as interpretações extensionais do mundo que fazem parte da textualidade de um texto.

Apesar dos esforços dos estudiosos dessa geração, o texto ainda continuou sendo percebido como um sistema uniforme. Além disso, o texto, como unidade estrutural, era separado do seu uso, uma vez que os teóricos não o inseriam em um contexto comunicativo. Tais pontos estabeleceram o calcanhar de Aquiles dessa fase, bem como favoreceram o surgimento de lacunas e questionamentos: "Como estabelecer regras capazes de descrever todos e apenas todos os textos possíveis em uma língua natural?" (Koch, 2001, p. 74). Indagações como essa e outras lacunas tornaram-se caminhos para novas investigações sobre o texto.

Koch (2001) assinala como argumento que demonstra a fragilidade observada nessa fase que haveria a possibilidade de aparecerem novos textos, os quais poderiam não se enquadrar nas regras estabelecidas pelas gramáticas de texto. Ainda, podiam surgir tipologias textuais que não encontrariam amparo nas regras dessas propostas de gramáticas. Por outro lado, tais fragilidades tornaram-se um estopim para futuras investigações, visto que estudar elementos de ordem pragmática seria o foco de estudos nas gerações posteriores, uma vez que havia a necessidade de olhar para o texto e seu contexto pragmático, elementos que não foram abarcados na fase de gramáticas de texto.

Assim, na terceira fase da LT, os estudiosos investigaram a textualidade do texto em um contexto de produção. Ao contrário da fase anterior, o texto é analisado não mais como uma estrutura uniforme, mas em um contexto comunicativo, tendo em vista elementos extralinguísticos e externos à

materialidade textual. Os pesquisadores dessa fase postularam que o sentido de um texto estabelecia-se mediante a interação entre leitor, produtor e ouvinte. Desse modo, o texto consiste em uma atividade em constante construção de sentidos, e compreender seu funcionamento e sua inserção, em dado contexto de interação com o leitor, torna-se objeto de investigação. Koch (2005, p. 15-16) explica que:

No terceiro momento, adquire particular importância o tratamento dos textos no seu contexto pragmático: o âmbito de investigação de sentido do texto ao contexto, entendido, em geral, como conjunto de condições externas, da produção, da recepção e da interpretação do texto.

A introdução da noção de contexto nos estudos do texto confere ao funcionamento textual uma nova abordagem. Com o olhar voltado para diferentes fenômenos em torno do texto, como conhecimento dos leitores, propósito comunicativo, interação e recursos textuais que impactavam o sentido do texto, não demorou para surgir o que Koch (2015) chamou de *virada da pragmática*.

Até o final da década de 1970, com o desenvolvimento da Pragmática, área destinada ao estudo da língua em uso, notamos um avanço na concepção do texto como processo de interação. Nesse cenário, considerava-se que os sujeitos em processos de interação constroem e reconstroem o mundo por meio de um trabalho colaborativo com a língua, em que elaboram e reelaboram significados nos contextos comunicativos.

Nessa época, os teóricos da LT extrapolaram a abordagem sintático-semântica, pois percebiam o texto como unidade de comunicação e interação humana. A princípio, a adoção da pragmática conquistou espaço nos estudos sobre o texto, fomentando o surgimento das teorias comunicativas, as quais buscavam estudar elementos contextuais para a compreensão do funcionamento do texto (Koch, 2015). Logo, a Linguística do Texto ganha nova roupagem. Já não se tratava de investigar a língua como sistema autônomo e abstrato, mas procurava estudar o texto e a língua com apoio em seu funcionamento nos processos comunicativos em diferentes contextos da realidade.

Nesse caso, em oposição às fases anteriores, esse novo ciclo da LT não considera o texto como produto pronto e acabado, o qual deveria ser examinado sob a ótica sintática e semântica, a ponto de elementos dessa natureza serem considerados constituintes da definição de texto. Este configura instrumento de intenções comunicativas e sociais dos sujeitos que compartilham diferentes laços de saber na vida em sociedade e, por isso, o contexto e o conhecimento

do sujeito seriam indispensáveis para a construção de sentidos.

Na metade da década de 1970, os estudiosos adeptos dessa geração da LT desenvolveram um modelo cuja intenção era vislumbrar a língua como uma forma de comunicação social da atividade humana intermediada por textos (Koch, 2015). Assim, muitos investigaram o texto incorporado a elementos de natureza pragmática, como contextos situacionais de comunicação entre os usuários da língua e conhecimentos culturais que implicam a construção de sentidos de um texto para o sujeito leitor.

Nesse esteio, surgem os trabalhos de Wunderlich (1976 apud Koch, 2015), Isenberg (1976 apud Koch, 2015) e Schmidt (1973 apud Koch, 2015). O primeiro foi um estudioso alemão que incorporou, assim como os demais, a pragmática às suas pesquisas sobre textos. Tratou de questões enunciativas, entre elas a dêixis espacial, os atos de fala e a interação face a face (Koch, 2015). Isenberg (1976), em consonância com essa perspectiva, elaborou um método de análise que permitia apresentar interpretações de textos desde a estrutura pré-linguística da intenção comunicativa até a sua manifestação superficial (Koch, 2015). Para Koch (2015, p. 29), esse autor sustentava que:

A relação existente entre os elementos do texto deve-se à intenção do falante, ao plano textual previamente estabelecido, que se manifesta por meio de instruções ao interlocutor para que realize operações cognitivas destinadas a compreender o texto em sua integridade, isto é, o seu conteúdo e o seu plano global; ou seja, o ouvinte não se limita a "entender" o texto, no sentido de "captar" apenas o seu conteúdo referencial, mas necessita, isto, sim, reconstruir os propósitos comunicativos que tinha o falante ao estruturá-lo, isto é, descobrir o "para quê" do texto.

Koch (2015) declarou que Isenberg (1976) lançou luz sobre a intenção comunicativa do sujeito falante, em que este era responsável pelo estabelecimento de relações entre os elementos componentes do texto. Além disso, ressaltou os elementos pragmáticos como determinantes no plano sintático e semântico. Para ele, a composição do texto determina os intuitos comunicativos que estariam presentes no texto, os quais implicavam a construção da estrutura do texto.

Nesse período, destacaram-se também as pesquisas de Schmidt (1973), o qual propôs uma teoria ampliada da comunicação linguística. Koch (2015) expõe que ele conceituava o texto como um elemento verbal enunciado de um ato comunicativo, que se insere em uma atuação comunicativa, caracterizado

por uma orientação temática que cumpria um propósito comunicativo determinado. Desse modo, o teórico advogava que, à medida que o locutor realizava um propósito comunicativo identificável pelos sujeitos envolvidos no trato comunicativo, os enunciados linguísticos constituíam um processamento textual com coerência, cujo funcionamento era sociocomunicativo. Para ele, a textualidade era caracterizada pela comunicação negociada por sinais, sejam eles linguísticos ou não.

Esse momento da LT, que passou a apoiar-se em uma tendência que não observa o texto como produto pronto, acabado e uniforme, mas como um processo, considerando o contexto, o propósito comunicativo e a situação de produção, possibilitou uma abordagem mais apurada do texto. É nesse ínterim que surge a necessidade de perceber o texto subsidiado também por outros elementos, como os de ordem cognitiva, o que favoreceu o surgimento nos estudos da LT do que Koch (2015) chamou de *a virada cognitiva*.

Nesse novo ciclo da LT, por volta de 1980, concebe-se uma nova tendência nos estudos do texto, motivada pela constatação de que todo fazer ou ação é acompanhado por fenômenos de ordem cognitiva. Assim, o sujeito age por meio de operações mentais (Koch, 2015). Com esse entendimento, o texto é resultado de operações mentais realizadas pelos sujeitos, tendo em vista um propósito comunicativo. Os envolvidos na comunicação possuem informações e saberes armazenados na memória, os quais seriam ativados em situações comunicativas e de compreensão textual, pois, seguindo as explicações de Koch (2015, p. 34), esses sujeitos:

Trazem para a situação comunicativa determinadas expectativas e ativam dados conhecimentos de metas, em todas as fases preparatórias da construção textual não apenas na tentativa de traduzir seu projeto em signos verbais (comparando entre si diversas possibilidades de concretização dos objetivos e selecionando aquelas que, na sua opinião, são as mais adequadas), mas certamente também por ocasião da atividade da compreensão de textos.

Nessa linha, encontramos os estudos e as propostas de Heinemann e Viehweger (1991 apud Koch, 2015), os quais postularam que, durante o processo de compreensão textual, existe a mobilização de alguns sistemas de conhecimentos pelo leitor, a saber: o linguístico, o enciclopédico e o interacional. O primeiro corresponderia ao conhecimento relacionado a elementos gramaticais e lexicais, os quais eram os articuladores na relação entre som e sentido do texto. Um exemplo seriam os mecanismos de coesão ou a sequenciação textual.

No conhecimento enciclopédico, existiriam na memória do sujeito leitor conhecimentos adquiridos e que, durante o processamento textual, eram projetados no texto para estabelecer a construção de sentidos. Já no terceiro conhecimento, havia as ações verbais durante as práticas comunicativas por meio de textos. Nesse conhecimento, inseria-se o reconhecimento do falante sobre o propósito do texto que o locutor, em dada situação contextual, pretendia atingir, sobre as normas comunicativas e as ações linguísticas, como paráfrases, repetições, correções, entre outros elementos que asseguravam a compreensão do texto.

Nesse sentido, os estudos desse período focaram elementos de ordem cognitiva que estavam envolvidos no processamento textual, mas não desconsideravam as descobertas realizadas em épocas anteriores. Na verdade, ampliaram os estudos sobre o texto, abarcando outros fenômenos, como estratégias de interação, negociação de sentido entre os envolvidos e conhecimentos que os sujeitos acionavam durante o processamento textual.

Os postulados abriram caminhos para compreendermos como os fenômenos cognitivos estavam envolvidos no processo de interpretação de textos, sobretudo pelas propostas que consideravam objetivos do locutor, contexto, opiniões, atitudes, bem como conhecimentos que poderiam variar de um leitor para o outro. Tais elementos passaram a ser vistos não somente no sentido intencionado pelo produtor do texto, mas também outros sentidos não previstos por ele, os quais eram observáveis com amparo nos conhecimentos e aspectos cognitivos armazenados na memória do sujeito ao longo da sua experiência de vida.

Com esses postulados, não tardou o nascimento da perspectiva sociocognitivo-interacionista no âmbito da LT, pois surge a necessidade de olhar para a linguagem investigando a separação entre operações que interligam fenômenos mentais e sociais (Koch, 2015). Tal linha de pensamento, que tem sido a adotada por estudiosos nos últimos 30 anos, avançou nas propostas do cognitivismo, visto que notamos que não se procura romper com este, mas levantar outras questões que não foram investigadas naquele momento (Koch, 2015; Marcuschi, 1998).

Os estudiosos procuraram, pois, entender a diferença entre os processos cognitivos que acontecem fora da mente e interna a ela. Isso porque a linha sociocognitivo-interacionista da LT constata que processos cognitivos ocorrem na cultura ou no meio do sujeito, e não apenas de forma interna à mente. Logo, envolve aspectos sociais, culturais e interacionais que ocorrem na sociedade, e não unicamente nos indivíduos. Para Varela, Thompson e Rosch (1992 apud Koch, 2015), a cognição seria o resultado das ações dos

indivíduos e das capacidades sensório-motoras. Sob essa ótica, eles apontavam uma relação entre as operações de ordem cognitiva e como os sujeitos fazem sentido do mundo por meio de tais operações, as quais também mantêm uma relação com os aspectos sociais.

Nesse caso, Koch (2015) discorre que as operações de ordem cognitiva, como acionar informações ou conhecimentos prévios na memória, para esses autores não se realizavam apenas na mente do sujeito, mas se tratava de resultados decorrentes da interação dos indivíduos com o mundo que os rodeia. Assim, essa abordagem considera a linguagem como uma ação compartilhada que percorre um duplo caminho na relação sujeito e realidade, ao passo que a linguagem torna-se a principal mediadora da interação entre as relações de ordem cognitiva com as relações do mundo sociocultural.

Ademais, surge outra noção de contexto cara aos estudos da LT. Na primeira fase da LT, a noção de contexto estava limitada aos segmentos textuais precedentes ou subsequentes. Com a pragmática, passou-se a abordar a situação comunicativa e, em seguida, aspectos de ordem sócio-histórico-cultural, envolvendo operações que se realizavam na memória. Nesse momento, o contexto consiste na relação que se estabelece na interação entre o texto e o sujeito, sendo construído na própria interação com o texto ou outros eventos comunicativos (Koch, 2015).

Os sujeitos, por seu turno, são construtores de sentidos, em que o texto passa a ser o lugar de interação, cuja atividade de linguagem constituise em interação no processo de construção de sentidos. Dessa forma, no processamento textual, o leitor pode acionar não só conhecimentos por meio de operações cognitivas, como também interagir na construção e na reconstrução do sentido diante da atividade interativa com o texto. Essa é, pois, a perspectiva que se consolidou e que tem sido a linha de pensamento adotada por muitos estudiosos da LT nos últimos 30 anos.

1.1 A Linguística Textual no Brasil e seus desdobramentos

O percurso histórico da Linguística Textual no Brasil, bem como os estudos realizados nessa área que marcaram sua evolução em solo brasileiro, demonstra que diversos pesquisadores contribuíram para o campo da LT, os quais impulsionaram as investigações nessa área. Nesse horizonte, apontamos os trabalhos de Marcuschi (1983, [2020]), Koch e Fávero (1983 [2005]), Koch (1989 [2008]), Koch e Travaglia (1989, 1990) e Bastos (1985).

O primeiro trabalho na área de LT de que temos conhecimento no Brasil é de autoria do professor Ignácio Antônio Neis, docente da Pontificia

Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS), intitulado *Por uma gramática textual*, divulgado na revista *Letras hoje* da PUCRS, em 1981. O texto é dividido em quatro partes, em que o autor discute o objeto de estudo da Linguística Textual — o texto. A obra apresenta as reflexões iniciais que levaram os linguistas a chegarem às gramáticas de texto, bem como as motivações específicas sobre estudos voltados para o texto nos estudos linguísticos (Fávero, 2019).

A publicação do texto do professor Neis fomentou o surgimento de duas obras em 1983: *Linguística textual: introdução*, de autoria de Fávero e Koch, e *Linguística de texto: o que é e como se faz*, de Luiz Antônio Marcuschi. Esta última foi lançada pela série *Debates* da Revista do Mestrado em Letras da Universidade Federal de Pernambuco, cujo texto fora apresentado no IV Congresso Brasileiro de Língua Portuguesa do Instituto de Pesquisas Linguísticas.

Marcuschi (2020) afirma que o texto é uma unidade superior à frase e argumenta que a gramática do texto não dá conta de estudar todos os elementos relacionados à constituição do texto. O autor apresenta definições de textos e da Linguística Textual, bem como algumas categorias textuais, como contextualização, conexão sequencial, coesão, coerência e elementos pragmáticos que, segundo o teórico, estavam envolvidos na constituição de um texto.

Na obra *Linguística textual: introdução*, Koch e Fávero (1983 [2005]) abordaram a LT, destacando seus principais momentos na Europa e os autores que influenciaram o desenvolvimento dessa área no mundo e no Brasil. Vale ressaltar que os autores brasileiros foram influenciados pelos teóricos estrangeiros, entre os quais podemos destacar Halliday e Hasan (1976 apud Koch; Fávero, 2005), Weinrich (1964 apud Koch; Fávero, 2005) e Van Dijk (1976 apud Koch; Fávero, 2005).

As obras publicadas introduziram a LT no país e procuravam não só discuti-la como ciência, mas também seus objetivos, suas ideias e suas investigações que estavam no foco de discussão nos estudos linguísticos da área. Além disso, tais obras introdutórias procuravam mostrar o panorama dos estudos que estavam em pauta no domínio de outros países por linguistas estrangeiros. O intuito era fornecer ao leitor uma visão da LT desde a época de seu desenvolvimento na Alemanha, em 1960.

Em suma, o texto de Koch e Fávero (1983 [2005]) traz uma discussão sobre o surgimento da LT, os autores que deram início a estudos nessa área e os principais momentos da LT no tempo. Desse modo, salienta as ideias iniciais de cada fase que marcou o desenvolvimento da área, bem como os autores que

contribuíram com estudos significativos, os quais marcaram o ciclo inicial da Linguística Textual no mundo desde seu surgimento na Alemanha.

No Brasil, os estudos dessa área foram marcados pela publicação de artigos e livros de diversos linguistas, em especial Luiz Antônio Marcuschi e Ingedore Koch, na década de 1980. Um exemplo é a obra de referência *O texto na sala de aula*, composta por artigos escritos por linguistas e professores da Universidade Estadual de Campinas. O livro debate aspectos referentes a texto, leitura e escrita, destacando esse tripé no ensino de língua portuguesa. Uma produção gerada com amparo nas reflexões advindas das teorias discursivas, conjunto de estudos que propunham o entendimento da língua para além de sua sistematização.

De acordo com Koch (1999), em 1984, em razão de uma reunião anual da Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência (SBPC), foi realizada pela primeira vez no país uma mesa-redonda sobre LT, cujo tema era *Coerência e coesão na teoria do texto*. Participaram do encontro os estudiosos e responsáveis pelas primeiras discussões sobre LT no Brasil: Marcuschi, Neis e Koch. À época, a LT passou a ocupar lugar de destaque em eventos e congressos científicos na área de Letras no Brasil. Naquele momento, as discussões destinavam-se aos critérios de textualidade, acerca dos aspectos relativos ao fenômeno da coesão textual, tendo como influência os postulados de Halliday e Hasan (1976 apud Koch; Fávero, 2005).

Já em 1985, foi publicado *Coesão e coerência em narrativas escolares escritas*, de Lúcia M. K. Bastos, pela editora da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp). A obra colaborou para as discussões sobre critérios de textualidade. Sendo assim, estudiosos como Bastos (1985), Marcuschi (1983 [2020]) e Koch e Fávero (1983 [2005]) preocuparam-se em discutir categorias como a coerência e a coesão, as quais, segundo eles, eram indispensáveis para definir o texto como texto. A partir desse momento, outros critérios de textualidade também passaram a integrar a agenda de discussão dos linguistas, a exemplo de informatividade, situacionalidade e outros inerentes à conceituação de texto.

Em 1989, surge o que Koch (1999) denomina de segundo momento da Linguística Textual no Brasil, marcado pelas publicações *A coesão textual* (Koch, 1989), *Texto e coerência* (Koch; Travaglia, 1989) e *A coerência textual* (Koch; Travaglia, 1990). Nesse momento, a coerência assume papel central para a LT e não deixa de ser uma categoria, tal como a coesão textual, mas passa a ser uma macrocategoria a qual tais estudiosos se dedicaram a estudar.

Apartir de 1990, foi incorporada no Brasila perspectiva socio interacional da linguagem para discutir fenômenos relacionados à construção de sentidos

de um texto, entre eles a coerência e a coesão (Geraldi, 1991). Destacam-se, nesse sentido, os estudos de Koch (1993) sobre a construção da coerência em textos escritos e orais. Além disso, os estudos nessa área passaram a integrar diferentes elementos de ordem sociointeracional e estratégias sociocognitivas, como acionamento de conhecimentos prévios, recuperação de informações e inferências. Nesse momento, também se iniciam os estudos sobre tipologias textuais.

Durante a segunda metade da década de 1990, Marcuschi e Koch dedicaram-se a examinar a referenciação, categoria de processamento textual estudada pela Linguística do Texto. Os estudiosos procuraram investigar recursos anafóricos, elementos coesivos e de coerência, a fim de compreenderem o processamento sociocognitivo no texto. Nesse momento, apresentaram contribuições no âmbito da referenciação, acerca dos processos referenciais que colaboram para a progressão do texto, a exemplo das anáforas e das introduções de referentes no texto.

No artigo *Processos de referenciação na produção discursiva*, Koch e Marcuschi (1998) refletiram sobre as estratégias referenciais construídas na produção do discurso oral. Os autores enfatizaram a referenciação como um processo dinâmico e interativo na construção de sentido nos textos e nas interações discursivas. Eles analisaram como os falantes constroem e modificam referências ao longo do discurso para estabelecer a coesão e a coerência textuais, destacando que a referenciação não é apenas um ato de apontar para objetos ou entidades existentes no mundo, mas sim um processo de construção de sentido que depende do contexto, da intenção dos falantes e da interação com o interlocutor.

Koch e Marcuschi (1998) apresentam, portanto, contribuições sobre o entendimento da referenciação como prática discursiva, salientando, por exemplo, que nessa categoria estudada pela LT importam estratégias cognitivas e linguísticas por meio das quais os participantes do discurso constroem, mantêm ou transformam os referentes. As estratégias podem envolver a escolha de pronomes, expressões nominais e outros recursos linguísticos que permitem a continuidade ou a ruptura da cadeia em que se elaboram os referentes. É nessa perspectiva que Koch e Marcuschi (1998) apontam que os referentes linguísticos podem ser manejados no discurso, conforme a projeção comunicativa do locutor, considerando diferentes contextos; logo, trata-se de objetos de discurso.

Além disso, os autores declararam que a atividade de referenciação funciona como estratégia no estabelecimento de coesão e coerência de um texto. Esses apontamentos contribuíram, pois, para a Linguística Textual e,

em especial, para o presente trabalho, tendo em vista nosso objeto de pesquisa para os estudos da referenciação.

Entre as obras publicadas nos anos 2000 que contribuíram para as reflexões na Linguística Textual, destacamos: *Desvendando os segredos do texto* (Koch, 2002[2009]), *Ler e compreender: os sentidos do texto* (Koch; Elias, 2006 [2008]) e *Ler e escrever: estratégias de produção textual* (Koch; Elias, 2009 [2010]).

Na primeira obra, a autora aborda a relação entre texto, contexto e leitor, apontando a interação entre fatores linguísticos e sociocognitivos no processamento textual. Particular atenção é dada à referenciação, compreendida como um processo linguístico-discursivo essencial para a continuidade temática e a articulação textual, evidenciando como os elementos referenciais contribuem para a organização e a interpretação dos sentidos no discurso. As contribuições de Koch, assim como de Marcuschi, na reflexão sobre referenciação, oferecem um embasamento teórico robusto para a análise de estratégias textuais que fundamentam a construção de sentido e a interação comunicativa nos textos.

Já no segundo livro, com uma feição mais didática, voltada para o ensino, Koch e Elias (2006, [2008]) discutem elementos indispensáveis para a construção de sentido e o processamento leitor de um texto. Elas mostram, por exemplo, que a interpretação de um texto corresponde a um processo que vai além da decodificação das palavras, bem como os elementos que colaboram para o processamento textual, como conhecimentos prévios do leitor, contexto, coerência textual e interação do leitor com o texto. As autoras apontam o papel do leitor na produção de sentidos de um texto, destacando que o entendimento de um texto é um processo interativo e dinâmico, mediado pelas experiências e pelo contexto interpretativo do leitor. Essa obra trouxe contribuições para a compreensão dos processos inerentes à leitura e a construção de sentidos em um texto.

Ademais, Koch e Elias (2006, [2008]) dedicam, também nesta obra, uma à discussão sobre a referenciação, abordando o processamento referencial e seus efeitos de sentido nos textos. As autoras destacam processos referenciais fundamentais para a continuidade textual, tais como introdução de referentes, retomada e continuação, mostrando que esses processos influenciam a interpretação e os efeitos discursivos que o texto produz, sendo, assim, essenciais para o entendimento de um texto.

Na terceira obra, por fim, as autoras trouxeram contribuições para a LT ao abordarem estratégias de leitura e escrita que favorecem a construção de sentidos em um texto e como colaboram para a compreensão do leitor. Em

específico, uma das principais contribuições dessa obra, a qual destacamos por filiação teórica, é a explicação sobre como a referenciação atua na construção de sentidos.

Nesse cenário, as estudiosas debatem a atividade da referenciação e os processos referenciais que colaboram para a construção de sentidos em um texto, a exemplo de introdução de referentes, anáforas indiretas, (re) categorização e progressão referencial, os quais permitem ao produtor do texto introduzir, desenvolver e articular a ideia ao longo da progressão do texto. O estudo ressalta que esses processos de referenciação não só garantem a coesão do texto, mas também atuam na progressão temática e na manutenção do foco discursivo do texto.

Estudos no âmbito da Linguística têm evoluído, de modo que aspectos referentes ao texto como objeto, como a multimodalidade, têm despertado o interesse de estudiosos dessa área. A natureza multimodal passou a ser considerada dentro do quadro da referenciação e, assim, tem chamado a atenção de pesquisadores como Ramos (2007, 2012), Custódio Filho (2011), Silva (2014), Sales (2017), Capistrano Júnior (2017), Lima (2017) e Cavalcante et al. (2022), Fontinele (2025). Estes passaram a investigar o fenômeno da referenciação, expandindo o aporte teórico da Linguística para textos com múltiplas semioses, sob uma perspectiva sociocognitiva da linguagem.

Nesse contexto, inserem-se no campo dos estudos da LT reflexões que perpassam a multimodalidade, envolvendo textos nos quais se integram outras semioses. Em seus trabalhos, os autores defendem a ampliação das discussões sobre categorias do texto verbal escrito para textos verbo-imagéticos, uma vez que têm se ampliado os estudos sobre a composição multimodal de diferentes gêneros em contexto digital.

Os achados desses pesquisadores contribuíram para expandir o escopo teórico da LT, ao aplicá-lo a diferentes textos multimodais. Nesse caso, tais textos demandam uma abordagem interpretativa que integre imagens e palavras, ampliando a aplicabilidade dos estudos referenciais e promovendo uma análise abrangente dos sentidos construídos nas interações verbo-visuais. Essa perspectiva de expandir o aporte teórico da referenciação para textos que combinam diferentes semioses, como o verbal e o visual/imagético, proporciona uma visão robusta sobre o texto e uma compreensão sobre como os significados são ancorados e expandidos em contextos multimodais.

Mais recentemente, Fontinele (2025) realizou uma pesquisa sobre o processo referencial da recategorização no texto verbo-audiovisual, isto é, expandiu as categorias de análise do texto verbal para um texto, que segundo o autor, é complexo em termo de análise. Isso porque trata-se de um texto que

envolve diferentes elementos que importam para a construção de sentidos, dentre eles recursos imagéticos, movimentos, recursos verbais, oralização, contexto situacional, entre outros. O pesquisador atravessou uma análise do processo referencial de construção de referente em uma narrativa de ficção seriada, texto de narrativa longa, o que tornou a análise ainda mais complexa. A questão é que o estudo mostrou como um processo textual-discursivo, isto é, a recategorização, pensada inicialmente nos estudos da LT para o texto verbal, pôde ser aplicado ao texto audiovisual, com funções substanciais na narrativa, dentre elas, a construção de expectativas no desdobramento de cenas em que o referente analisado perpassava.

Embora já houvesse estudos sobre esse processo com esse tipo de texto, como por exemplo, a pesquisa de Custódio Filho (2011), que teve sua relevância à época, Fontinele (2025) vai mais longe, além de mostrar o processo no texto verbo-audiovisual, evidencia seu papel na construção de sentidos, bem como propõe um novo processo textual como desdobramento da construção referencial. O pesquisador propôs o processo de sub-recategorização ou recategorização específica, um processo textual de especificação e refinamento do referente que se desdobra ao longo de uma narrativa, o qual atua como revelador de camadas adicionais de características associadas ao referente. O estudo destaca que esse processo gradual permite que as intenções e ações do objeto-de-discurso sejam reveladas de forma estratégica, mantendo o engajamento do espectador e destacando a dinamicidade da construção narrativa.

Sendo assim, está cada vez mais evidente que uma tendência dos estudos da Linguística de texto atualmente inclina-se para aplicação e investigação de categorias da LT no texto multissemiótico. A Linguística Textual percorreu, portanto, um caminho de evolução constante, no qual investigações pioneiras no contexto brasileiro, como as de Luiz Antônio Marcuschi e Ingedore Villaça Koch, alavancaram as discussões no campo da LT no Brasil. Essa pavimentação teórica veio a influenciar estudos posteriores, como as pesquisas atuais, que considerando o contexto multimodal, está predominando suas investigações voltadas para o texto multissemiótico. Desse modo, a LT, expandiu suas fronteiras, adaptando suas categorias analíticas para abarcar textos verboimagéticos e integrar múltiplas semioses.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O percurso histórico do desenvolvimento da Linguística Textual, doravante LT, indica uma trajetória contínua de expansão conceitual. Desde

suas primeiras incursões, na análise transfrástica até o desenvolvimento das gramáticas de texto e a posterior inserção de elementos pragmáticos e cognitivos em seu arcabouço teórico, a LT tem demonstrado uma notável adaptação aos desafios atuais, especificamente ao contexto multimodal e digital, no qual diversos autores tem expandido o uso do arcabouço teórico da LT para investigações nesse cenário.

Podemos, pois, considerar que estamos vivenciando um momento marcado pelos estudos da LT que tem abarcado a multimodalidade. Isso porque os estudos atualmente nesse âmbito têm se voltado em sua maioria para o contexto multimodal, marcado por pesquisas que investigam categorias da LT em textos multimodais, o que nos fazem apontar como uma evolução da LT. Essa perspectiva tem ampliado o objeto de estudo da Linguística textual ao considerar que a construção de sentidos de um texto não se realiza apenas por meio de palavras, mas também por meio de imagens, sons e outros elementos semióticos que fazem parte da composição textual. Assim, observamos que os estudos da LT têm se debruçado sobre fenômenos instaurados em textos verbo-visuais e digitais, evidenciando a expansão do arcabouço teórico da LT para os novos contextos de produção textual.

A LT, portanto, atualmente, tem integrado em seu arcabouçou analítico novas perspectivas que deem conta da complexidade dos textos multimodais que circulam em ambientes digitais e interativos. Dessa forma, a LT, manifesta sua atual tendência nos estudos da linguagem, isto é, incorporar a multimodalidade como lente de análise.

REFERÊNCIAS

BASTOS, L. K. X. *Coesão e Coerência em Narrativas Escolares Escritas*. Campinas: Editora da Unicamp, 1985.

BENTES, A. C. Linguística Textual. *In:* MUSSALIM, F.; BENTES, A. C. (Orgs.). *Introdução à linguística. Domínios e fronteiras.* 7. ed. São Paulo: Cortez, 2007.

CAPISTRANO JÚNIOR, R. Referenciação, Multimodalidade e Humor em Tiras Cômicas do Gatão de Meia-Idade, de Miguel Paiva. Campinas: Pontes editores, 2017.

CAVALCANTE, M. M. et. al. Linguística Textual: conceitos e aplicações. Campinas: Pontes Editores, 2022.

CUSTÓDIO FILHO, V. *Múltiplos fatores, distintas interações:* esmiuçando o caráter heterogêneo da referenciação. Tese (Doutorado em Linguística) – Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2011.

CARMELINO, Ana Cristina; RAMOS, Paulo. A virada multimodal: implicações conceituais para os estudos do texto no Brasil. Comunicação apresentada no 37º Encontro Nacional da ANPOLL — Pós-graduação e pesquisa em Letras e Linguística na reconstrução de um Brasil democrático e plural. Niterói: Universidade Federal Fluminense, 3–5 out. 2023. FÁVERO, L. L. Linguística Textual: história, delimitações e perspectivas. *Revista Contextos Linguísticos*, v. 13, n. 26, p. 12-24, 2019.

FONTINELE, Francisco Pereira da Silva. O processo textual-discursivo da (re)categorização em narrativa de ficção seriada. Dissertação (Mestrado em Linguística). Universidade Federal do Piauí, Teresina, 2025. 122 f.

GERALDI, J. W. Portos de passagem. São Paulo: Martins Fontes, 1991.

KOCH, I. G. V.; TRAVAGLIA, L. C. A coerência textual. São Paulo: Contexto, 1990.

KOCH, I. G. V. A Coesão Textual. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2008.

KOCH, I. G. V. A produção de inferências e sua contribuição na construção do sentido. *D.E.L.T.A.*, v. 9, número especial, p. 399-416, 1993.

KOCH, I. G. V. Desvendando os segredos do texto. São Paulo: Cortez, 2009.

KOCH, I. G. V. *Introdução à Linguística Textual:* trajetória e grandes temas. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2015.

KOCH, I. G. V. Linguística Textual: retrospecto e perspectivas. *In:* BRAIT, B. (Org.). *Estudos enunciativos no Brasil:* histórias e perspectivas. Campinas: Pontes, 2001. p. 71-86.

KOCH, I. G. V. O desenvolvimento da Linguística Textual no Brasil. *D.E.L.T.A.*, v. 15, número especial, p. 165-180, 1999.

KOCH, I. G. V.; ELIAS, V. M. Ler e compreender: os sentidos do texto. 3.

- ed. São Paulo: Contexto, 2008.
- KOCH, I. G. V.; ELIAS, V. M. *Ler e escrever:* estratégias de produção textual. 2.ed. São Paulo: Contexto, 2010.
- KOCH, I. G. V.; FÁVERO, L. L. *Linguística Textual:* Introdução. 7. ed. São Paulo: Cortes, 2005.
- KOCH, I. G. V.; MARCUSCHI, L. A. Processos de referenciação na produção discursiva. *D.E.L.T.A.*, v. 14, p. 169-190, 1998.
- KOCH, I. G. V.; TRAVAGLIA, L. C. *Texto e Coerência*. São Paulo: Cortez, 1989.
- LIMA, S. M. C. de. Referenciação e multimodalidade: revisitando os processos de recategorização e encapsulamento. *Revista de Letras*, n. 36, v. 2, p. 101-114, jul./dez. 2017.
- MARCUSCHI, L. A. Rumos atuais da Linguística Textual. Texto da conferência pronunciada no *LXVI Seminário do Grupo de Estudos Linguísticos do Estado de São Paulo (GEL)*. UNESP, São José do Rio Preto, junho de 1998.
- MARCUSCHI, L. A. *Linguística de Texto*: o que é e como se faz. São Paulo: Parábola, 2020.
- RAMOS, P. *Tiras e piadas: duas leituras, um efeito de humor*. Tese (Doutorado em Letras) Universidade de São Paulo, São Paulo, 2007.
- RAMOS, P. Estratégias de referenciação em textos multimodais: uma aplicação em tiras cômicas. *Linguagem em (Dis)curso*, Tubarão, v. 12, n. 3, p. 743-763, set./dez. 2012.
- SALES, T. Y. N. *Processos referenciais em charges de jornais cearenses sob o aspecto multimodal.* Dissertação (Mestrado em Linguística) Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2017.
- SILVA, W. B. *A referenciação em textos-imagéticos*. Tese (Doutorado em Linguística) Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2014.

O BOM PORTUGUÊS E O MAU PORTUGUÊS

IN HONOR EVANILDO BECHARA

Professor Doutor Afrânio da Silva Garcia Professor Associado da UERJ

Resumo

O presente artigo tem por objetivo explanar o que precisa ser feito para fazer os alunos de língua portuguesa desenvolverem uma variedade da língua portuguesa mais de acordo com as expectativas da sociedade, do mercado de trabalho e do ambiente educacional. Para tanto o autor escolheu apresentar uma série de equívocos cometidos pelo estudante comum das escolas brasileiras e tentar discutir suas causas e possíveis soluções, as quais devem ser compartilhadas entre os alunos, os professores e a própria estrutura das escolas! Acreditamos ter dado um bom ponto de partida para essa discussão e as práticas daí decorrentes!

Palavras Chave: Língua Portuguesa, Bom Português, Mau Português, Orientações Didáticas

THE GOOD AND THE BAD PORTUGUESE LANGUAGE USAGE

Summary

This article aims to explain what is needed to be done to make the sutdents of Portuguese language to develop a variety of the Portuguese language more according to the expectations of society, of the job market and of the educational environmente. In order to do so the author chose to presente a serie of misconceptions committed by the average student in Brazilian schools and try to discuss their causes and possible solutions, which must be shared between students, teachers and the very estructure of schools! We believe we have provided a good starting point for this debate and the practices resulting from this!

Key Words: Portuguese Language, Good and Bad Use of Portuguese Language, Teaching Orientations

Apesar do que dizem alguns professores de português mais "progressistas", definitivamente existe um *bom português* e um *mau português*. Na verdade, existe apenas *um* bom português, expresso de várias formas, e *vários* tipos de mau português, de acordo com o impacto que ele provoca no ouvinte ou leitor.

Muitos consideram que o bom português está *restrito* a frases e discursos que primam pela *correção gramatical e vocabular* e por seguir a *norma culta*. Sem dúvida, este tipo de discurso geralmente pode ser chamado de *bom português*. Mas como em tudo na vida e na comunicação humana, há exceções. Citarei alguns exemplos que considero marcantes:

Um professor de português muito famoso, a quem admiro muito e cujas obras geralmente recomendo a meus alunos, discutiu acaloradamente num congresso com um membro da plateia porque este afirmou que a frase: *Tenho bastante amigos* estava *correta*, enquanto o citado professor afirmou que ela estava *errada*, visto que *amigos* estava no *plural*. O teste da realidade, no entanto, prova que a enunciação desta sentença como *Tenho bastante amigos* é muito mais frequente do que a enunciação como *Tenho bastantes amigos*, mesmo quando dita por pessoas cultas, com nível universitário e até com doutorado, sendo a sentença *Tenho bastantes amigos* considerada por muitos como *pedante* ou *pernóstica*. Nesse caso em particular, devemos considerar ambas as formas como corretas.

Um caso ainda mais impactante, ao qual fiz menção na dissertação de Mestrado, é a necessidade de concordância verbal *sempre*. Quando nos lembramos de nosso tempo de estudante, em que a professora nos chamava um por um, muitos de nós testemunhamos a seguinte situação nos primeiros dias de aula, em que a professora perguntava à turma no final da chamada: Falta alguém na lista de chamada e, quando o "faltoso" estava presente, ele respondia: *Falta eu*, e dizia seu nome. Vejam que frasezinha tão simples e tão paradoxal: Como o sujeito é Eu, a forma verbal deveria ser Falto, podendo ser dita *Falto eu!* ou Eu *falto!*, mas sempre, em todas as instâncias que eu presenciei, e não foram poucas, a resposta dita foi *Falta eu!* Ou seja, o *certo*, neste caso específico, é a sentença que *não* segue os padrões de pessoa e concordância.

A música *Deixa a vida me levar*, escrita por *Serginho Meriti* e *Eri do Cais* e popularizada por *Zeca Pagodinho*, tem como segunda estrofe o seguinte trecho:

Deixa a vida *me* levar (vida, leva *eu*) Deixa a vida *me* levar (vida, leva *eu*) Deixa a vida *me* levar (vida, leva *eu*) Sou feliz e agradeço por tudo que Deus me deu

Embora aí também haja uma discrepância ainda maior na enunciação, visto que o "erro" não só *se repete* como vem após a concordância de acordo com a norma: Deixa a vida *me* levar (vida, leva *eu*). Mas a opção dos compositores pelo pronome tônico (tipicamente sujeito) *Eu* ao invés do pronome átono objeto *Me* não só enfatiza como valoriza a canção.

Uma outra canção, *Leva eu saudade*, escrita por Tito Guimarães Neto e Alventino Cavalcanti, popularizada por Nilo Amaro e seus Cantores de Ébano e, mais recentemente, por Zé Ramalho e Sérgio Reis, também valeu-se desse recurso, de substituir o pronome oblíquo átono *Me* pelo pronome tipicamente sujeito *Eu*, para enfatizar o *Eu* que sofre.

Oi leva **eu**, minha saudade! Eu também quero ir Quando chego na ladeira Tenho medo de cair ... Leva **eu** minha saudade!

Um outro tópico que também causa discussão entre os especialistas da língua portuguesa é a pronúncia das vogais em determinadas palavras. Uma lista frequente são as palavras *obeso*, *coeso*, *ileso*, *obsoleto* e *badejo*, que alguns especialistas consideram que deve sempre ser com a pronúncia do *e* aberta [E] enquanto outros aceitam e adotam com a pronúncia do *e* fechada [e]. Atualmente tornou-se consenso mais ou menos geral que as duas pronúncias devem ser aceitas, sendo a pronúncia aberta a preferida em Portugal e a pronúncia fechada preponderante no Brasil.

Como o Brasil é um país de dimensões continentais, é de se esperar que haja uma série de variações linguísticas em seu imenso território, que podem ser dividias em quatro grupos principais:

- a) variações diatópicas, relacionadas ao lugar onde se nasce ou é criado, como os regionalismos e os sotaques;
- b) variações diacrônicas, vinculadas às mudanças e à história da língua, como os arcaísmos e os neologismos
- variações diafásicas, determinadas pela situação comunicativa ou pelo objetivo social do uso da linguagem, como a linguagem formal e informal, as entrevistas de emprego, o discurso amoroso;

d) variações diastráticas, dependentes das relações dos grupos sociais (classe social, profissão, faixa etária, etc.).

De maneira geral, o conceito de bom português e mau português não é mais afetado pelas variações diatópicas. A maioria dos estudiosos já aceita, provavelmente graças ao excelente trabalho de Antenor Nascente, que se fale *aipim* no sudeste e *macaxeira* na região setentrional, da mesma forma que mulher bonita com *o fechado* [o] no sudeste e mulher bonita com *o aberto* [] nas regiões norte e nordeste. Uma ou outra expressão, como *eu mais meu irmão* (em vez de *eu e meu irmão*) ou certos regionalismos, como *batoré* (pequeno e gordo ou só pequeno, que não é empregado no sudeste) e *rapariga* (que no sudeste tem o mesmo significado do português lusitano: *mulher jovem*, e no nordeste significa *mulher de vida fácil*) causam espanto, mas não são considerados *mau português*!

Já a *variação diacrônica* frequentemente pode ser considerada um *erro de português* porque as mudanças que as palavras sofrem ao longo do tempo chegam a deixá-las com dois ou mais significados, de tal forma que o significado antigo é praticamente desconhecido para os falantes atuais ou o significado moderno ainda é muito pouco conhecido. Daremos alguns exemplos marcantes para elucidar essa questão.

A palavra *vadia*, feminino de *vadio*, era bastante comum até quase o final do século XX com o significado de *aluna que não queria estudar*. Até os anos 70, a maioria dos pais e professores costumavam dizer aos alunos: Deixa de ser *vadio* e vai estudar! Ou comentavam: Ele é muito sabido, mas também é muito *vadio*. As meninas eram mais aplicadas, mas volta e meia ouvia-se alguém dizer: Ela é muito inteligente, mas é *vadia* como ela só.

Com a generalização dos filmes e programas americanos no Brasil, *vadia* adquiriu o significado de *interesseira* ou mulher de vida fácil. Atualmente esse significado americanizado é preponderante e mais de um professor já foi processado ou até perdeu o emprego por ter chamado uma aluna de *vadia* ou um menino de *vadio*.

As palavras que caíram em desuso, chamadas de *arcaísmos*, devem ser evitadas como "mau português" (entre aspas, pois podemos perfeitamente usá-las se estivermos retratando eventos ou falas pretéritas), como é o caso de *somítico* (avarento, pão-duro), *solerte* (desembaraçado, esperto ou desonesto, velhaco), *broto* (usado para designar mulher jovem), *dessarte* (equivalente a desse modo, portanto), *patusco* (brincalhão).

Da mesma forma, devemos evitar os *neologismos* (palavras novas ou palavras usadas com um novo significado). Um exemplo bem recente é a palavra

capivara, no sentido de ficha corrida ou histórico criminal de alguém, que ainda é desconhecida pela maioria da população. Outro neologismo bastante difícil de entender era coxinha, indicando alguém meio rico, metidinho, em oposição a mortadela, indicando alguém das classes populares. Quando se opunha um ao outro, era fácil de entender, mas o uso isolado de coxinha fazia o leitor/ouvinte não entender a que/quem o falante se referia. Às vezes, uma palavra adquire tantos novos significados que fica difícil sabermos exatamente a qual significado o falante está se referindo, como é o caso da palavra gato, que atualmente pode significar um tipo de felino (sentido tradicional), um homem bonito, um jogador que engana a idade, um ladrão (ou gatuno), alguém hábil em enganar, um instrumento para roubar eletricidade ou água ou alguém hábil em escalar, além de fazer parte de compostos: Gatonet e Skygato, duas redes de TV desonestas.

A *variação diafásica* é aquela que acontece de acordo com o contexto ou a situação em que a comunicação ocorre, envolvendo principalmente o nível de formalidade da situação, variando de uma conversa informal com amigos (que pode incluir gírias) e uma apresentação formal em uma palestra ou reunião de trabalho, onde se utiliza uma linguagem mais culta, em que é aconselhável usarmos uma linguagem mais elaborada e mais cuidada, e também mais cuidadosa, no caso de discursos vinculados ao trabalho ou a concursos. Podemos dividir a variação diafásica em três vertentes principais: linguagem coloquial (quase que sem restrições), linguagem formal distensa e linguagem formal tensa. Como a linguagem formal deve sempre ser culta, a distinção entre linguagem formal culta tensa e linguagem formal culta distensa não tem muita justificativa. Tirando os ambientes específicos citados acima e a recusa no uso da variante culta, não se pode falar de um bom ou mau português neste contexto, visto que o que determina o bom ou mau uso nestes casos é muito mais o mau uso do discurso do que o mau uso da língua. Não obstante, vale a pena notar que existem palavras e construções linguísticas cuja existência se deve a este uso específico da linguagem nestes tipos de discurso. Um exemplo é o verbo Elaborar, cujo significado é basicamente Fazer, mas que tem o componente semântico de algo que é feito com uma certa dedicação, com uma certa pompa, como prova a diferença entre Ele fez o projeto e Ele elaborou o projeto. A mesma diferença existe nas palavras Logística e Distribuição (ou Entrega), ou ainda entre Escrutínio e Votação. A variação diastrática se manifesta nas diferenças entre os falantes de um mesmo idioma, de acordo com o grupo social a que pertencem, real ou ideologicamente, e baseia-se em múltiplos fatores, tais como: classe social, faixa etária, nível de escolaridade, ideologia, engajamento social, tipo de

atividade ou profissão, além de muitos outros: "tribos", escolhas psicológicas ou culturais, etc. Alguns desses fatores são tão determinantes no modo de falar que chegam a ser denominados de uma maneira específica, como jargão (modo de falar de uma profissão como médicos, professores (como as palavras docente e discente, gazeta, caxias), policiais, advogados (o famoso juridisquês), calão (fala de marginais e criminosos), linguagem gay (mona, bofe, etc.), entre muitas outras variações diastráticas. No geral, não se pode falar que as variações diastráticas presentes nos jargões sejam um mau português, pois se vamos falar de um determinado tema ou assunto, é interessante usar o vocabulário pertinente a este assunto. Mas se alguém usa um jargão específico ao falar com pessoas que não exercem a profissão ou atividade, caracteriza um discurso pedante ou pernóstico, ou pior, evidencia uma tentativa de dominação. Neste caso, quase que com certeza temos um caso de mau português.

Mas existem *três variantes diastráticas* que, querendo ou não, são exemplos de um *mau português*: as *gírias*, os *vulgarismos* e as *palavras chulas*, das quais as mais prejudiciais são as gírias (não porque sejam piores, mas porque são bem mais numerosas).

As gírias são palavras consideradas específicas ou exclusivas de um grupo social, seja por uma escolha pessoal, por uma atividade, por um sentimento, por uma crença, por uma localização, entre muitos outros fatores de diferenciação entre as pessoas. Esses grupos podem ter como base tanto uma situação real, como o lugar onde moram e a atividade que exercem, quanto algo completamente arbitrário, emocional ou psíquico. Um episódio de uma série exibida pelo canal Investigação Discovery nos conta sobre um assassinato que teve como base o fato de uma jovem do grupo dos "vampiros" ter tido relações amorosas com um rapaz do grupo dos "lobisomens" numa cidade do interior. Fica claro que nesta cidade não havia vampiros nem lobisomens, mas a fantasia era tão importante que ocasionou um assassinato.

Quando eu morava no bairro do Méier, havia muitas brigas entre os jovens que frequentavam o *Bob's* e os jovens que frequentavam o *Mac Donald's*. Os grupos sociais surgem pelos mais variados motivos e uma grande porcentagem deles possuem suas próprias gírias. A palavra *haole* (às vezes pronunciada *haulin* na gíria do surfe) tanto pode significar um iniciante como um surfista desconhecido que invade a praia, o qual deve ser hostilizado (na tradição havaiana). Até recentemente havia grupos de jovens que valorizavam os sentimentos, o sofrimento, etc., que eram conhecidos com *darks* ou *góticos*. Cada novo grupo social cria sua *linguagem própria* ou *gíria*. Por essa razão, as gírias são exemplos de *mau português*, já que a maioria dos ouvintes não

consegue entender, ou entende parcialmente, o que está sendo dito, o que vai contra a razão primordial de existência da linguagem humana: a *comunicação*.

Além disso, como a gíria é a expressão de um determinado grupo social, e, como os grupos sociais estão em contante *desenvolvimento* e *mutação*, as gírias constituem um aprendizado de pouca utilidade para a língua como um todo, já que o sentido das palavras muda ou desaparece, o que faz com que o falante tenha se esforçar duas ou mais vezes: a primeira para aprender a gíria e a segunda para desaprender essa mesma gíria e substituí-la pela nova gíria de sentido equivalente. As gírias comuns nas canções de Roberto Carlos, como "*uma brasa*" e "*mora*" praticamente não existem atualmente, as gírias de confirmação "*Só!*" e "*Já é!*" sumiram (exceto no programa de transporte do Rio de Janeiro, cujo nome (pavoroso) é *JÁ É!*). Muito trabalho para nada! Para finalizar, das duas gírias muito difundidas para pessoas bonitas: *Um Pão!* e *Gato/Gata!*, somente a segunda ainda se mantém, já que *Um Pão* praticamente desapareceu.

Evite sempre gírias! Fora do grupo que criou e mantém a gíria, elas são sempre evidências de um *mau português!* E podem custar o seu emprego ou sua promoção! Usar gíria antiga ou incompreensível é como *pedir tremoços num jantar de luxo!*

Os vulgarismos são ainda piores que as gírias. São palavras ou expressões inequivocamente vulgares, baixas! É comum confundirmos o vulgarismo com as palavras chulas ou palavrões. Mas há uma diferença nítida entre essas variantes: os vulgarismos não precisam não precisam ter nenhuma relação com sexo, atividade sexual, obscenidade ou escatologia (uma palavra geral para incluir tudo que é fisicamente sujo), enquanto as palavras chulas sempre têm relação como os conceitos citados acima. Porém os vulgarismos primam pela agressividade, pela grosseria, pela descrição de algo como pérfido, repugnante, nauseante, etc. Assim sendo, podemos falar de características negativas de alguém sem enfatizar esses aspectos, como gorducho, bebedor, preguiçoso, pobre, deficiente, e somente teremos termos negativos; porém se levarmos essa descrição ao nível da humilhação da crueldade, como em rolha de poço, pudim de cachaça, inútil ou vagabundo, "baixa renda", "sem braço" ou "sem perna", estaremos usando vulgarismos, que são decididamente um *péssimo português*. Já os *palavrões* ou *palavras* chulas (tentarei, na medida do possível, ater-me ao vocabulário técnico ou científico na exemplificação), como bosta ou titica, fezes, urina. vagina, coito, não têm em si nenhum traço de humilhação ou crueldade (a menos que você as use diretamente e especificamente contra alguém, caso em que você terá a junção de um *vulgarismo* e de um *palavrão* numa única palavra, o *pior*

exemplo possível de mau uso do português). Existe até uma brincadeira entre professores de português em que se cria uma história em que uma pessoa muito boa, como um padre, passa por algum lugar, cai num bueiro e fica machucado e sujo. Provavelmente ele falaria um *palavrão*, mas, de acordo com sua reputação e caráter, ele nunca falaria um *vulgarismo*!

Mas o uso de palavrões constitui um erro grave de português. Infelizmente, no Rio de Janeiro com certeza e provavelmente no resto do país, o palavrão tornou-se lugar comum na fala das pessoas! Pode-se mesmo dizer que os palavrões começados por C, por M, por P e por F talvez estejam entre as 50 palavras mais usadas no português carioca. O superlativo analítico com *muito* praticamente sumiu da linguagem das ruas, substituído pela formação verbo, adjetivo ou qualidade seguida de *para C*. Já ouvi alguém dizer que o carioca usa o palavrão com P como vírgula e o palavrão com C como ponto final. Muito triste essa constatação, embora seja bastante engraçada!

Para finalizar esta parte do artigo, insisto em dizer que, por amor à *Língua Portuguesa*, essa *flor do Lácio* tão maravilhosa, maior herança cultural dos brasileiros, devemos evitar com veemência o uso destes três erros terríveis do português: *as gírias, as palavras chulas e os vulgarismos!*

Não podemos concluir este artigo sem mencionar os dos maiores pilares do Bom Português e do Mau Português: a correção da escrita e o domínio da gramática. Ao contrário do que dizem certos professores, que propõem uma aceitação das várias formas de falar e, o que é mais terrível, de escrever, pensamento que pode ser resumido na frase/título de um livro: NÃO É ERRADO FALAR ASSIM!, o princípio da Realidade (cf. Freud, em *A Interpretação dos Sonhos* e *Sobre os sonhos*) nos diz (e mais do que nos diz, nos berra): É ERRADO FALAR ASSIM, SIM SENHOR!

O pior erro de português, o *pior dos piores* mesmo, é escrever errado palavras muito comuns e corriqueiras. Devido a uma característica que absolutamente não é motivo de orgulho, o brasileiro escreve muito mal, o que lhes prejudica enormemente, em muitos aspectos de sua vida, principalmente no aspecto profissional e educacional, o que pode ser comprovado pelas mensagens veiculadas nos sites de relacionamento, como Par Perfeito, Tinder e Happn! Reparem em algumas barbaridades que podem ser encontradas nestes sites de mensagens:

ENTRUSO! SÓ CE FOR! SER VIRA! ME CHE! INVIE! ONESTIDADE!
FEMENINO!
PESSOA DESCENTE!
SAI DE SE CORPO!
OUVI UMA VOS!
SE EU FOCE VOCÊ!
GOSTO DE LE, CAMINHA, FAZE TRILHA!
ELES PAGARAM AMANHÃ!
ADEBITOS DE SATANÁS!
NÃO CERVE PARA NADA!
NUNCA CIVIL O MOTIVO!

Vale a pena reparar que esses erros não se devem apenas a uma ou outra regra de ortografia e gramática que é ignorada, mas a várias escolhas errôneas que o participantes do site faz aleatoriamente, ou seja, não são apenas alguns erros que se repetem, mas um grupo grande de erros de natureza absolutamente distintas. Por exemplo, a sibilante surda / s / ora é escrita como C: CERVE, CE FOR, FOCE, CIVIL, ora com S: SER, DE SE, SAI, SE, ora como SC: DESCENTE; o acento ora é escrito: SÓ, VOCÊ, SATANÁS, ora não: VOS, LE, CAMINHA, FAZE (na verdade essas três palavras terminam em R: LER, CAMINHAR, FAZER, mas o R é muitas vezes omitido na fala popular); a letra E que soa / i / é geralmente escrita I mesmo: ENTRUSO, FEMENINO, INVIEI, CIVIL (SE VIU), e é comum a PARTIÇÃO de uma palavra em duas ou a JUNÇÃO de duas palavras em uma: ME CHE (mexe), DE SE (desse), CIVIL (se viu), entre outros equívocos, evidenciando uma ESCRITA que carece de um curso de ALFABETIZAÇÃO!

Erros de natureza gramatical, embora também devam ser criticados, não são tão chocantes quanto esses, que decididamente prejudicam a vida profissional do indivíduo e dificultam sobremaneira a compreensão do texto, o que é inadmissível no ambiente escolar e intelectual. A escola deve, sim, e com bastante ênfase, insistir na correção dos erros de português, buscar levar os alunos ao aperfeiçoamento de sua capacidade linguística, em vez de ficar insistindo numa aceitação passiva e até participando de uma formação dos alunos com um domínio da língua portuguesa deficiente e, por que não dizer, vergonhoso, da sua própria língua. Se o aluno domina apenas uma *variante da língua* que é *inaceitável* para seu desenvolvimento intelectual e educacional é uma *obrigação* dos docentes e das autoridades educacionais *melhorar* e *resolver* essa carência do aluno. Os professores devem parar de uma vez por todas de tentar resolver problemas sociais e existenciais de seus alunos (um

objetivo inalcançável somente com os professores) e dedicar-se apenas a alcançar os objetivos realmente vinculados ao magistério. E já estarão fazendo muito, e **sendo dignos de todo louvor**!

CENTRO FILOLÓGICO CLÓVIS MONTEIRO – CEFIL-UERJ: 60 ANOS DE DEMOCRATIZAÇÃO DA UNIVERSIDADE PÚBLICA E DE INVESTIGAÇÕES LINGUÍSTICAS, FILOLÓGICAS E GRAMATICAIS

Marcelo Moraes Caetano

RESUMO: Este artigo busca levantar dados históricos da fundação do Centro Filológico Clóvis Monteiro, há exatos 60 anos (1965), na UERJ, onde, atualmente, sob coordenação do Professor Marcelo Moraes Caetano, desenvolveu parcerias que lhe renderam produções nas áreas de ensino, pesquisa e extensão. Buscamos, também, fazer um panorama das atividades em curso no Projeto, trazendo publicações e eventos ocorridos em 2023, 2024 e 2025. Por fim, apresentamos articulações e ampliações do escopo do CEFIL, com os planos de trabalho para o biênio que se encerra em 2027. Incluiremos o outro Projeto coordenado pelo Professor Marcelo Moraes Caetano, qual seja o Projeto de Inovação em Docência da Graduação e do Ensino Básico (PID-Cetreina), que se articula diretamente ao CEFIL, aumentando-lhe a abrangência epistemológica, metodológica e prática. Com isso, desejamos prestar uma homenagem a todos aqueles que permitiram a continuidade e o êxito do Centro Filológico Clóvis Monteiro, que tem em seu próprio nome a figura de um dos mais importantes intelectuais que o Brasil teve a honra de produzir.

Clovis Monteiro Philological Center – CEFIL-UERJ

ABSTRACT: This article seeks to collect historical data on the founding of the Clóvis Monteiro Philological Center, exactly 60 years ago (1965), at UERJ, where, currently, under the coordination of Professor Marcelo Moraes Caetano, it developed partnerships that yielded productions in the areas of teaching, research and extension. We also seek to provide an overview of the activities underway in the Project, bringing publications and events that took place in 2023, 2024 and 2025. Finally, we present articulations and expansions of the scope of CEFIL, with the work plans for the biennium ending in 2027. We will include the other Project coordinated by Professor Marcelo Moraes

Caetano, namely the Innovation Project in Undergraduate and Basic Education Teaching (PID-Cetreina), which is directly linked to CEFIL, increasing its epistemological, methodological and practical scope. With this, we wish to pay tribute to all those who allowed the continuity and success of the Clóvis Monteiro Philological Center, which has in its name the figure of one of the most important intellectuals that Brazil has had the honor of producing.

Introdução: a grandeza de Clóvis Monteiro e o CEFIL como parte da história da lusofonia e da UERJ

Clóvis Monteiro foi o primeiro Professor Titular de Língua Portuguesa e Filologia da UERJ (então, UEG). O CEFIL é um Projeto de Extensão que homenageia o Mestre. No ano em que a UERJ completa 75 anos (fundada em 1950), é muito alvissareira a efeméride dos 60 anos de fundação do CEFIL (fundado em 1965). Também devo celebrar os meus dez anos como coordenador de tão relevante e vultoso Projeto.

Três páginas do primeiro volume da Revista Idioma, de junho de 1981, a qual era publicada pelo CEFIL, mostram-nos a importância do mestre, sob relatoria de Olmar Guterres da Silveira, como podemos observar na versão fac-similar da aludida Revista, em suas páginas 1, 2 e 3.



OLMAR GUTERRES DA SILVEIRA

Clóvis do Rego Monteiro nasceu em Fortaleza, no Ceara, no dia 10 de setembro de 1898, e faleceu nesta cidade do Rio de Janeiro, aos 13 de julho de 1961.

Exerceu o magistério da língua nacional desde muito cedo, quando, aos dezenove anos, se tornou Professor Nor malista na Escola de Aprendizes de Marinheiros do Ceará. Pouco mais tarde tentou inscrever-se em concurso no Colé gio Militar no Rio de Janeiro, com a tese "Morfologia e Sintaze do exhetantivo na língua portuguesa".

Estudioso e perspicaz, aprofundou Clovis Monteiro o estudo das questões de Filologia ao mesmo tempo que realizava definitiva transferência para o Rio de Janeiro, capital — de direito e de fato — da intelectualidade brasileira. Assim é que, em 1928, obteve a primeira classificação em concurso para o cargo de Professor de Ensino Secundário da Prefeitura do Distrito Federal. Pouco depois, por se ter criado a câtedra de Literatura na Escola Normal do Distrito Federal, obteve ainda a primeira colocação no concurso a que se subneteu com a tese "Traços do Romantismo na poesia brasileira".

O Colegio Pedro II atraiu-o desde o concurso realizado em 1926, quando apresentou as teses "Da tendencia a-nalítica na evolução do nosso idioma" e "Da influência do tupi". Destas duas teses foi a primeira escolhida pelo candidato, cabendo-lhe ainda a obrigação de apresentar tese sobre ponto eleito pela colenda Congregação daquela Casa, conforme as disposições então vigentes: foi a segunda. Republicamas o Autor, adrescentadas en certa matéria, com o título "Fort: quas da Europe a Fortuguas da América".

Mas foi em 1936 que conquistou a embicionada catecra, com a tese "A linguagem dos contadores".

Ocupou a cátedra de Língua Fortuguesa na Pontificia Universidade Católica, no Instituto Santa Orsula e na Faculdade de Filosofia, Clências e Letras do Instituto La Fayette — esta integrante, posteriormente, da atual Universidade do Estado. Nesta última instituição, após o desaparecimento do Mestre, foi criado por iniciativa do Professor Leodegário A. de Azevedo Filho o Centro da Estudos Filológicos Professor Clóvis Monteiro, entidade que conta entre suas grandes realizações a publicação de "Miscelánea filológica", em que se reuniram, em honra à nemória do Professor Clóvis Monteiro, artigos de colegas, discípulos e admiradores seus.

Clóvis Monteiro exerceu, com admirável tino adminis trativo, a Direção do Instituto de Educação e do Colégio Pedro II; e, no governo Mendes de Morais, a função de Secre tário de Educação e Cultura, onde

> "realizou trabalho educativo, instituindo, com o lema — primeiro alimentar para depois educar — o almoço escolar, revital<u>i</u> zando o ensino com os Ginásios Industriais, criando as Escolas Purais, duplicando, em pouco mais de três anos, a rede escolar¹

Importa ver na obra de Cióvia Nonteiro a segurança das bases doutrinárias e conhecimento profundo da matéria filológica, bem como a apresentação cuidada e artistica da expressão, que a tinha fluente e agradável.

O CEFIL é registrado no Depext desde 1995, e, como Projeto de Extensão, foi fundado em 1993, pelo Professor Claudio Cezar Henriques. No entanto, sua fundação ocorreu em 1965, como nos atesta a Revista Idioma nº 1, p. 4.

Jairo Dias de Carvalho: "A vida e a obra de Clovis Hon teiro" in Miscelânea Filológica, pág. xiv.



UNIVERSIDADE DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO

CENTRO DE EDUCAÇÃO E HUMANIDADES INSTITUTO DE FILOSOFIA E LETRAS DEPARTAMENTO DE LETRAS VERNÁCULAS CENTRO FILOLÓGICO CLÓVIS MONTEIRO

DOCUMENTO Nº 01

05/04/1981

DIRETRIZES

- O Centro Filológico Clóvis Monteiro, constituído em 10 de setem bro de 1965, tem como finalidade incentivar e desenvolver a pes quisa e os estudos superiores de Língua Portuguesa.
- A programação das atividades do Centro é de responsabilidade do Setor de Língua Portuguesa do IFL.
- En cumprimento de suas finalidades, o Centro mantén uma biblioteca especializada, promove conferências e edita um boletim informativo.
- 4. São associados natos do Centro os professores e alunos do IFL.
- A direção do Centro Pilológico Clóvis Monteiro recebe, de bom gra do, quaisquer sugestões que contribuam para o aprimoramento do ensino da Língua Portuguesa.

Nossa atual denominação oficial na UERJ é Programa de Estudos do Centro Filológico Clóvis Monteiro.

Por aqui passaram alguns dos maiores nomes das Letras nacionais, e diversos Professores eméritos da UERJ. Foram seus coordenadores ou participantes Professores como Olmar Guterres da Silveira, Evanildo Bechara, Leodegário A. de Azevedo Filho, Claudio Cezar Henriques, Magda Bahia, Flavio Barbosa. Atualmente, o CEFIL é coordenado por mim, e estou desde 2015 à sua frente.

O CEFIL se situa na UERJ, campus Maracanã: Rua São Francisco Xavier, 524, 11° andar – sala 11.031, bloco B, Maracanã, CEP: 20559-900 – Rio de Janeiro / RJ. Telefone: (21) 2334-0186

Temos um link direto no site do Instituto de Letras: https://www.institutodeletras.uerj.br/cefil



Sob a atual coordenação de Marcelo Moraes Caetano, o Projeto obteve nota máxima nas três categorias avaliativas da Instituição: a) plano de trabalho do ano 2024; b) plano de trabalho para o biênio 2025-2027 e; c) apresentação do Projeto no evento UERJ Sem Muros. Com isso, obtivemos concessão para dois bolsistas para nos auxiliarem em nossas tarefas.

State Project	Skirmen Property	Continue	preside	Planto de Trabalho 1925 1927	Material Section Sec. Attributes (SEE)
O teatro no palico do mundo	7851	VANESSA CIANCONI VIANNA	RES	9,8	5 11
Observatorio de critica literária "Otto Mária Carpetaux".	7955	ELVIS PAULO COUTO	RE	1	Same.
OBSERVATORIO DE DISCURSOS DA CONTEMPORANEIDADE	7401	MICHELLE GOMES ALONSO	LE	9.5	9,6
OFICINA DE ESPANHOL PARA CITANÇAS: EDUCAÇÃO ONLINE E FORMAÇÃO	6975	RODRIGO DA SILVA CAMPOS	- K.E.	6.2	6.2
Oficina de Lingua Kallana para estudantes e profivacisas da área da Turnimo - modalidade	7776	VERDIANA SKOCIC MARCHON	T.E	6,1	3.195
Oficina On-line de Lingue Inglese para Orianças – EICOMzinho	7191	PATRICIA HELENA DA SILVA COSTA	8.0	9,2	9,5
Officina On-line de Lingues Adicionais para Criscopas - LICOMzinho	7153	PATRICIA HELENA DA SILVA COSTA	ILE.	. 9	9,5
Oficinan de Lingua Japonina para o CAp-UERU	7858	ELISA FIGUEIRA DE SOUZA	N.E.	7,6	1
Oficines On line de Alemão para crianças - LICOMzinho	7174	POLIANA COELI COSTA ARANTES	R.C.	9,3	9,3
Oficinali On line de Francis para crianças: UCOMariño	7227	PEDRO ARMANDO DE ALMEIDA	T.E.	9,0	9,8
Oficinas On-line de Grego para Crianças - LICOMzoho	7288	DULCREIGE VIRGINO DO	LE	8,7	
Oficinas On-line de Italiano para Crianças – LICOMonho	7181	JULIA SCAMPARINI FERREIRA	H.E.	9	9,5
Oficinan.N	7619	LUCIANA PERSICE NOGUEIRA	R.C.	9,2	8,9
Pagnas Luso-Brasileiras em Movimento: Berotura, História e turismo	5282	ANDREIA ALVES MONTEIRO DE	S. B.E.	10	9,5
Panagens Poticin e Seneras	7845	MARIO BRUNO	H.E.		
PLA - Projets em Linguas adicionais	5350	SABRINA BALTOR DE OLIVEIRA	ILE .	. 6	. 7
PLIC - Projeto de Linguas para a comunidade.	4000	PEDRO IVO ZACCUR LEAL	HE	9.8	9,8
Podicinit: Corecudo Concreto na Uerj	5769	KLEBER PEREIRA DE SOUZA	R.E.	7,3	0,6
Poesa, ficção e crítica: exercícios com autor, exercícios de autor			LE	7.3	6,3
Portugues para refugiados no filiasti	4893	POLIANA COELI COSTA ARANTES	N.E.	10	10
Principla	AADS		T.E.	7,6	7.9
Programa de Estudos do Cirreo Filológico Clavis Morteno	1164	MARCELO MORAES CACTANO	SALES	10.	10
Programa de Leitura da UERJ (LerUERJ)	255	BRUND REGO DEUSDARA	H.E.	10	9,8
Publicações Dukogarts	606	FLAVIO GARCIA DE ALMEIDA	SLE.	10	10
Publicações NELLI :	8193	REGINA SILVA MICHELLI PERIM	" M.E.	10	
RECURSOS E MATERIAIS PARA O ENSINO DE PORTUGUES PARA ALUNOS SURDOS	4388	ANGELA CORREA FERREIRA	R.E.	9,5	9,5
Redes Linguraticas - Divutgando a Secolinguratica na Web	7313	RICARDO JOSEH LIMA	E.E.	9,4	9.3
Regionalismo e amino de Iteratura trasileira	7005	ANA KARLA CARVALHO	LE	9,9	9,9
Repentando o fazer extensionista: uma experiência cataborativa.	7196	RICARDO JOSEH LIMA	H.C.	9,5	9,7
REPOSITORIO DIGITAL DE ESTUDOS ESTILISTICOS DA CANÇÃO	7961	Andre Nemi Conforter	KE		3 70
ReUerj (Revista dos Estudantes da Uerj)	7970	RAPHAEL SALOMÃO KHEDE	I.E.	7,8	1 32
HEVISTA Abusties	4900	AUJO CESAR FRANCA PEREIRA	S.E.	30	10
Traduzindo a Areigadiste Tardia	7927	CARLOS EDUARDO SCHAITT	U.E.		1 35
Traduzindo as (intyrisibilidades de escritoras afro-diaspórticas.	7723	FELIPE FAMUEL XAVIER	ORES	10	10

O Projeto desenvolveu parcerias com instituições nacionais e internacionais, além de vários projetos da UERJ. Assim, algumas das parcerias atuais do CEFIL são com a Academia Brasileira de Letras, com a OAB Nacional (Ordem dos Advogados do Brasil – Federal), com a Academia Brasileira de Filologia, com a Escola da Magistratura do Tribunal de Justiça do Estado do Rio de Janeiro (EMERJ-TJRJ), com a Fundação Casa de Rui Barbosa, com a Universidade de Copenhague (Dinamarca), com a Editora da UERJ - EdUERJ (sou membro do Conselho Editorial da Coleção Letras, do ILE, sob coordenação-geral da Professora Thaís de Araujo da Costa), com o Projeto Arquivos de saberes linguísticos (também sob coordenação-geral da Professora Thaís), com o LabGradis, Laboratório de Estudos em Gramática e Discurso (sob coordenação das Professoras Magda Bahia, Vania Dutra e Thaís de Araujo da Costa), com o LABLINC, Laboratório de Pesquisa em Linguística Histórica, Filologia e Cultura, Projeto de Inovação em Docência de Graduação e Ensino Básico (PID-Cetreina-UERJ), que coordeno desde 2022, e que acaba de ser novamente aprovado para vigorar no biênio 20252027, com a concessão de bolsa de pesquisa para o coordenador e bolsa para um aluno assessorar o Projeto.

Convém descrever algumas dessas parcerias.

EdUERJ. O professor Marcelo Moraes Caetano foi convidado pela Direção do ILE a compor o Conselho Editorial do selo LETRAS da EdUERJ. Com isso, o CEFIL prestará as revisões e elaborará pareceres. Consolidaremos, assim, a parceria com a Editora da UERJ no sentido de auxiliá-la nos planos de revisão gramatical dos livros a serem publicados, agora com um selo específico, além dos demais solicitados pela Editora.

Arquivos de saberes linguísticos: um primeiro gesto de organização, catalogação, digitalização e análise dos dizeres de Said Ali. Sob coordenação da Professora Thaís Araújo, o projeto foi implantado no ILE em 2022, e foi contemplado com o Auxílio Básico à Pesquisa (APQ1), da FAPERJ.

LabGradis, Laboratório de Estudos em Gramática e Discurso – um espaço coletivo de projetos e pesquisas. Sob coordenação das Professoras Magda Bahia e Vania Dutra, que acaba de ser implementado no ILE (2022). O LabGradis foi contemplado pela FAPERJ no Programa de Apoio à Infraestrutura e Pesquisa nas universidades estaduais do Rio de Janeiro, cuja verba já está sendo utilizada para a compra de equipamento para o escaneamento de obras raras do CEFIL e outros e outros equipamentos.

Academia Brasileira de Letras. Abrigando pesquisadores cujos trabalhos se associem às suas áreas de investigação; incentivando a formação de novos pesquisadores nos mais diversos níveis (da graduação ao pós-doutorado); e fomentando atividades que envolvam acadêmicos e intelectuais de reconhecida relevância. Desse modo, a Cátedra Evanildo Bechara poderá colaborar, de forma efetiva, para o desenvolvimento dos estudos linguísticos e filológicos no Brasil.

Ordem dos Advogados do Brasil (OAB) Nacional. A Ordem dos Advogados do Brasil tem publicado livros e artigos do professor Marcelo Moraes Caetano desde 2017. A partir de 2023, a interlocução com a entidade federal, sediada em Brasília, se ampliou. Estão previstos eventos e publicações relativos ao CEFIL. Em 2024, articulamos uma série de treinamentos, palestras e cursos para o membros da OAB, com vínculo ao CEFIL e ao LABLINC. Publiquei quatro livros pela Editora OAB Nacional, estando dois deles na terceira edição. Os links das obras na íntegra, gratuitas e universais, são:

https://www.oab.org.br/publicacoes/download?LivroId=0000009546 https://www.oab.org.br/publicacoes/download?LivroId=0000009530 https://www.oab.org.br/publicacoes/pesquisa?termoPesquisa=coloca%C3%A7%C3%A3o# https://www.oab.org.br/publicacoes/pesquisa?termoPesquisa=textual#mod

al-publicacao

Academia Brasileira de Filologia. O nome de Evanildo Bechara representa adequadamente a proposta da Cátedra. Além de seu altíssimo prestígio nacional e internacional no âmbito da linguística e da filologia, o professor Bechara esteve na UERJ desde a fundação dos cursos de Letras, tendo sido Titular de Filologia Românica e ocupado por duas vezes a direção do Instituto de Letras. Foi Professor Emérito da UERJ e da UFF, diretor do Liceu Literário Português e membro da Academia Brasileira de Filologia e da Academia Brasileira de letras. Tem obra que dispensa apresentações, tal sua repercussão, adoção, notoriedade e importância na formação de várias gerações.

Universidade de Copenhague, Dinamarca. A principal Universidade da Dinamarca tem firmado convênios com os setores de Linguística e de Língua Portuguesa e Filologia Românica da UERJ, já que a Universidade de Copenhague possui um Núcleo de Estudos Brasilianistas e um Núcleo de Estudos Filológicos. Os professores Marcelo Moraes Caetano (UERJ) e Georg Walter Wink (KU) encontraram-se duas vezes em eventos na Dinamarca e na

UERJ para firmar o convênio que nasceu.

Academia Fluminense de Letras. O professor Marcelo Moraes Caetano foi eleito membro da AFL em 2023, para integrar a Cadeira 18, cujo patrono é Fagundes Varela. A AFL foi fundada em 1917, sendo uma das Academias de Letras mais antigas do Brasil. Promovemos uma parceria com a instituição, que abrigará, bimestralmente, intercâmbios com o CEFIL, como palestras, simpósios, leituras, círculos de discussão sobre literatura, filologia, linguística e língua.

Em 2015, como fui orientando de mestrado da Professora Emérita da PUC-Rio Eneida do Rego Monteiro Bomfim, filha do Professor Clóvis Monteiro, ela nos doou, por intermédio de sua filha, A Professora Maria Inês do Rego Monteiro Bomfim, a biblioteca de seu pai ao CEFIL, o que se inseriu em nosso acervo bibliográfico, localizado em sala adjacente ao CEFIL, com mais de 12000 (doze mil) volumes.

Por ocasião da reedição de A linguagem dos cantadores, de Clóvis Monteiro, realizada pela Fundação Casa de Rui Barbosa, em 2021, a Professora, no Prefácio, agradece àqueles que foram à casa de Clóvis Monteiro recolher os volumes pertinentes para a composição do Acervo do CEFIL, entre os quais eu me encontrava. Aqui, um fac-símile do agradecimento da Professora Maria Inês do Rego Monteiro Bomfim:

Encida Bomfim, no artigo "Extudos do português popular: a linguagem dos cantadores, de Clóvis Monteiro", publicado, em 2002, na *Revista Idiomat*, nº 22, do Centro Filológico Clóvis Monteiro/Uerj, descreve cuidadosamente a obra e indica a intenção de Clóvis Monteiro de incorpotar, numa futura edição, as fichas ao texto publicado originalmente.

8

A LINGUAGEM DOS CANTADORES

Meu avô teria adorado conhecer Claudia Moura, Cynthia Vilaça, Flávio de Aguiar Barbosa, Laura do Carmo, Sarah do Couto, Marcelo Moraes Caetano, Rosângela Florido Rangel e Soraia Farias Reolon, essa nova geração de competentes estudiosos, responsável por algo tão valioso para a nossa família: manter viva a obra de Clóvis Monteiro. A todos vocês, nosso agradecimento.

Maria Inês do Rego Monteiro Bomfim

1 Um pouco do (muito) que o CEFIL realiza

Nossos objetivos e metas são permanentes e sempre atualizados e inovados: orientar a comunidade externa e interna a respeito do funcionamento da língua portuguesa em sua norma-padrão e o diálogo entre essa norma e todas as gramáticas provenientes da imensa gama de discursividades presente na língua portuguesa, sobretudo na língua portuguesa do Brasil. Assim, nossos bolsistas atendem à comunidade por e-mail (cefiluerj@gmail.com), por telefone ou presencialmente (UERJ, Campus Maracanã). Além disso, fazemos revisões de textos acadêmicos ou não acadêmicos, sem nenhum custo para o interessado.

Para a formação de nosso estudante, isso é extremamente positivo: não podemos deixar de ter em vista que nosso bolsista é um futuro docente, e, como tal, tem de lidar com o público, dando respostas rápidas, contextualizadas e atualizadas, conhecendo todas as variedades da língua e tratando-as com igual respeito. Nesse sentido, o Programa de Estudos do Centro Filológico Clóvis Monteiro é uma via de mão dupla, como é desejável em uma atividade de extensão. Além disso, a vocação que o projeto demonstra para a investigação

faz dele uma atividade que vai além das demandas de extensão, conectando-se também ao ensino e à pesquisa.

O impacto social reside no oferecimento de alternativas linguísticas de norma-padrão às estruturas adquiridas pela comunidade linguística, mas nem sempre valoradas em seu âmbito — fenômeno altamente esperável em nossa sociedade. É fato que jamais poderemos considerar a norma-padrão como linguisticamente superior, isto é, capaz de

exprimir melhor o pensamento ou agasalhar conceitos mais sofisticados. Sua característica reside em seu potencial de aferir o "lucro de distinção" a que se refere Bourdieu. Reside no fato de que tal norma é uma competência mais rara, visto que aquela que o falante adquire no berço é legítima, mas não é a padrão. Essa valorização – que não é linguística, mas sociocultural – sem dúvida justifica a atenção que o sistema escolar tradicionalmente lhe confere.

Não se trata de abonar um discurso preconceituoso ou discricionário. O mercado linguístico é descrito por Bourdieu como espaço em que "os agentes e as instituições lutam, seguindo as regularidades e as regras constitutivas desse espaço de jogo (e, em certas conjunturas, tendo em vista essas regras mesmas), com graus diversos de força e, por isso, com possibilidades diversas de sucesso, por se apropriar de lucros específicos que estão em jogo. Aqueles que dominam em um dado campo estão em posição de fazê-lo funcionar em seu proveito, mas eles devem sempre contar com a resistência, a contestação, as reivindicações, as pretensões, "políticas" ou não, dos dominados" (BOURDIEU, 1992, p. 78).

A necessidade de manter-se dentro de um padrão normativo linguístico concorre para a afluência de interessados em nossa atividade. A revisão de textos e atendimento ao público (assessoria gramatical) auxiliando em dúvidas da norma-padrão, sempre em diálogo com a discursividade da língua portuguesa, exige de nosso bolsista o intenso esforço de aprimoramento e pesquisa. Também estendemos nossas ações por meio da Cátedra Evanildo Bechara, em convênio com a Academia Brasileira de Letras, a Academia Brasileira de Filologia, a Academia Fluminense de Letras, além de institutos

internacionais ligados à lusofonia (como a CPLP, Comunidade dos Países de Língua Portuguesa), Universidades e Instituições de reconhecimento internacional e Projetos internos da UERJ, cujo escopo será a ampliação e internacionalização para públicos ainda maiores que os atendidos até o momento.

A partir de 2022, o Projeto de Inovação em Docência LABLINC - Laboratório de Pesquisa em Linguística Histórica, Filologia e Cultura - também passou a integrar o objetivo do CEFIL, ampliando-o para as questões que envolvem língua e sociedade em toda a sua complexidade.

Nossa prestação de serviço é feita, prioritariamente, por e-mail, mas também atendemos presencialmente ou por telefone. O bolsista recebe a dúvida e pesquisa o assunto em pauta, buscando fundamentação em obras de referência. Em seguida, redige uma resposta, sempre incluindo alusões a fontes nas quais se possam encontrar informações de aprofundamento, e volta a fazer contato com o consulente, prestando os esclarecimentos necessários.

Há possibilidade de réplicas por parte dos consulentes se, dada a resposta, ainda restarem dúvidas. A consulta é considerada efetivamente respondida quando quem fez a pergunta se der por satisfeito com a explicação. O orientador acompanha o trabalho dos atendentes e é acionado sempre que há dúvida quanto à melhor maneira de dar a resposta.

Também há reuniões semanais para debate de questões específicas e de outros assuntos práticos relativos ao trabalho.

O CEFIL tem potencial para dialogar com todas as graduações dos Departamentos do ILE-UERJ, o que o faz abranger todos os estudantes de Letras. Também apresentamos prognóstico de intercâmbio com outros cursos da UERJ, notadamente (mas não exclusivamente) os das Ciências Humanas e Sociais. O impacto, nesse sentido, se fará notar nas graduações de Letras, Psicologia, Direito, Sociologia, História, Relações Internacionais, Relações Públicas, Educação, Comunicação Social, que são as que mais buscam nossos serviços.

O perfil de nossos públicos interno e externo contempla pessoas que buscam a cidadania a partir do aprofundamento em questões que ligam a norma-padrão da língua portuguesa e seu diálogo com seus campos específicos de saber, ligados às suas formações profissionais específicas. O CEFIL tem potencial para dialogar com todas as graduações dos Departamentos do ILE-UERJ, o que o faz abranger todos os estudantes de Letras.

A partir da atividade como consultor linguístico-gramatical, o aluno de letras tem contato com importantes aspectos do trabalho do profissional da área na prática social, em suas perspectivas ética e cidadã, como a responsabilidade de exercer (de maneira supervisionada) o papel de quem trata de problemas relacionados ao uso da língua portuguesa padrão. Há a necessidade de embasar suas respostas em fontes fidedignas, interagindo com consulentes com o intuito de elucidar suas dúvidas e redigindo exposições didáticas que atendam a esse objetivo. Sempre prezamos pelo compromisso de fornecer orientações em tempo relativamente curto, mantendo um ritmo de trabalho suficiente para que as consultas sejam atendidas; a consciência, embasada pela pesquisa e pelo ensino, de não promover preconceito linguístico, pois as situações e contextos exigem usos diferenciados da linguagem.

Numa sociedade cada vez mais complexa, plural e diversa, as questões relacionadas à linguagem e aos usos da língua são fundamentais. A educação no Brasil é um bem universal e deve ser provido de forma pública. A cidadania é exercida em sua totalidade quando se dominam os registros linguísticos exigidos para as mais diversas situações socioculturais. Desse modo, nosso Projeto dialoga diretamente com o aprimoramento das competências comunicacionais dos nossos bolsistas e dos nossos usuários, que podem, assim, inserir-se melhor nas práticas cotidianas que lhes são exigidas no que se refere à linguagem e à língua.

Com isso, contribuímos para a ampliação do acesso das pessoas às situações em que lhes for exigida proficiência na norma-padrão e em seu diálogo com outras normas discursivas, o que impacta na diminuição da desigualdade sociocultural e socioeconômica graças ao acesso público e

universal a esses aspectos da educação e cultura.

Para se ter uma ideia da dimensão do Projeto em termos de pesquisa, a produção bibliográfica que empreendi apenas no ano de 2024 foi a seguinte, dentre outros artigos, livros e capítulos que estão omitidos:

CAETANO, M. M. *Platão e Aristóteles na terra do sol: origens remotas do conservadorismo brasileiro*. 1. ed. Ouro Preto /Buenos Aires: Caravana / Caburé, 2024. v. 1. 340p.

CAETANO, M. M. "Antenor Nascentes e Mário de Andrade: um projeto de nação brasileira e de uma língua falada e escrita no/do Brasil" In: PFEIFFER, Claudia Regina Castellanos; COSTA, Thaís de Araujo da; MEDEIROS, Vanise Gomes de [Orgs.]. *Para uma história das ideias linguísticas de Antenor Nascentes*. São Carlos: Pedro & João Editores, 2024.

CAETANO, M. M. "Discurso e gramática: conexões, polissemias e caminhos gramaticográficos." In: SCHLEE, Magda Bahia; COSTA, Thaís de Araújo da; DUTRA, Vania Lúcia Rodrigues (Org.). *Língua em (dis)curso: pesquisa e ensino*. 1ed.São Paulo: Parábola Editorial, 2024.

CAETANO, M. M. "Reflexões sobre a inclusão histórica de grupos sociais na cultura e na língua." In: Velozo, N; Costa, T.A.; Dominguez, M.G.A. (Org.). *Políticas de língua, políticas na língua: reflexões sobre diversidade de gênero e inclusão*. 1ed. Rio de Janeiro: Pedro e João, 2024.

CAETANO, M. M. "A escrita dos vocabulários Pano, com informações de anotações de J. Capistrano de Abreu e M. Said Ali Ida." In: COSTA, Thaís de Araujo; SOUZA, Danielle Barros de. (Org.). *Manuel Said Ali: primeiros escritos & outros textos*. RJ. Pedro e João, 2024.

Artigos que podemos mencionar, dentre outros omitidos, também produzidos exclusivamente nos anos 2023, 2024 e 2025:

CAETANO, M. M.; CHINI, Alexandre. "Vasto mundo, mais vasto é meu coração: as muitas faces da justiça. Revista Justiça & Cidadania, v. 1, p. 46-49, 2024.

CAETANO, M. M. "Epistemologia histórica da gramática normativa ocidental da antiguidade ao século XX: entre a literatura e a filosofia." Revista Medievalis UFRJ, v. 11, p. 72-85, 2023.

CAETANO, M. M. "Ler António Carlos Cortez." Revista da Academia Brasileira de Filologia , v. XXXI, p. 113-121, 2023.

CAETANO, M. M.; CHINI, Alexandre. "Ordenamento jurídico brasileiro e língua portuguesa: tradição baseada na filosofia, nos costumes e na cultura literária." Revista da Escola de Magistratura Regional Federal, v. 38, p. 43-57, 2023.

CAETANO, M. M.; CHINI, Alexandre. *Liber Amicorum. Direito e linguagens*. 1.

ed. São Paulo: Mizuno, 2024. v. 1. 1009 p.

CAETANO, M. M. "Tradição e contradição: ensaio sobre as tenacidades da beleza". Santa Catarina: Universidade do Estado de Santa Catarina, UDESC, Revista Palíndromo, 2025.

CAETANO, M. M. "Arte enquanto ciência, e ciência enquanto arte: reflexões após José Huguenin. Rio de Janeiro: Revista da Academia Brasileira de Filologia, 2025.

CAETANO, M. M. "A linguagem simples e a comunicação: analisando o manual do CNJ". Revista Justiça e Cidadania, 2025.

Organizamos vários eventos nacionais e internacionais, como o I Fórum de Culturas Brasileiras, I FÓCUS, em memória aos quarenta anos de morte de Clara Nunes, no Teatro Noel Rosa, na UERJ, com participação de professores de Universidades de Copenhague, Paris e de membros da Academia Brasileira de Letras.

Alguns eventos de que participei como conferencista, entre outros, em 2024, representando o CEFIL, foram:

- 1. 5ª Reunião do Fórum Permanente de Direito Ambiental e Climático, intitulada: Temas relevantes no direito ambiental & climático, Escola da Magistratura do Estado do Rio de Janeiro (EMERJ), 2024
- 2. Conferencista na mesa de abertura: As gramáticas e as sociedades: línguas dos Deuses ou dos povos? Conferência de abertura do SAP-UERJ (Semana dos Alunos da Pós-Graduação da UERJ). 2024
- 3. Palestra "Antenor Nascentes e Mário de Andrade: projetos de língua no/do Brasil?", Conferência de abertura da Homenagem a Antenor Nascentes UERJ 2024 –
- 4. Palestra "Reflexões sobre a inclusão histórica de grupos sociais na cultura e na língua", UERJ, 2024
- 5. Palestra no lançamento do livro Manuel Said Ali Ida: Primeiros escritos & outros textos, UERJ, 4 de outubro de 2024

6. Palestra no lançamento do livro Manuel Said Ali Ida: Primeiros escritos & outros textos, UFF, 23 de outubro de 2024

2 Resultados esperados para o futuro e parceria com o LabLinC – Laboratório de Pesquisa em Linguística Histórica, Filologia e Cultura

Nossos resultados esperados para os próximos anos, especificamente o biênio 2025-2027, são:

- 1) continuar atingindo um número muito expressivo de consulentes, igual ou maior do que o número de pessoas alcançadas em 2024, pelos nossos atendimentos, publicações, participações em eventos, consultorias, cursos e novos meios de comunicação;
- 2) continuar desenvolvendo formas de interlocução com nosso público alvo, inclusive meios remotos síncronos e assíncronos;
- 3) continuar administrando os perfis do CEFIL nas redes sociais; 4) reforçar, nos novos meios de aprendizagem e no convencional (atendimento por e-mail e presencial), a importância do projeto em prestar consultoria sobre o uso da norma-padrão, exigida em situações sociodiscursivas específicas;
- 5) promover o diálogo permanente do CEFIL com o LABLINC, PID do prof. Marcelo Caetano;
- 6) estreitar as alianças e parcerias já firmadas com o LabGradis (Laboratório de estudos em Gramática e Discurso), o Projeto Arquivos de saberes linguísticos, o NUPPLES Revista de Estudos de Português Língua Internacional, reforçando a relevância do nosso projeto de consultoria gramatical e linguística do CEFIL, que, desde 1965, é o único do ILE com a função de prestar assessoria sobre o uso da norma-padrão da língua portuguesa e seu diálogo com a pluralidade discursiva que a abraça;
- 7) prosseguir nas parcerias para a promoção de cursos e consultorias do CEFIL com núcleos da comunidade como o CETREINA, as Pró-Reitorias, faculdades, institutos, grupos de alunos, servidores técnico-administrativos,

professores;

- 8) pesquisar continuamente o dialogismo do projeto com formas dinâmicas de diálogo da norma-padrão com outras variantes da língua presentes em outros gêneros e comunidades discursivos, promovendo a necessária contextualização do uso padrão da língua portuguesa com seus diversos outros usos;
- 9) prosseguir angariando parceiras internas e com entidades externas à UERJ, para a universalização do saber e a fluidez do dialogismo entre as questões de linguística, cultura, linguagem, língua, filologia.

A parceria com o LabLinC, Projeto de Inovação em Docência (Cetreina-UERJ), também sob minha coordenação, ampliou o escopo do CEFIL.

O LabLinC tem como objetivo geral a formação e atualização docente e discente (prioritariamente no âmbito da graduação) nos campos transdisciplinares da linguística histórica, da filologia, da gramática normativa, dos aspectos sociodiscursivos que perfazem as línguas, e das questões sociais e culturais que as constroem, com base em perspectivas do multiculturalismo, da decolonialidade e da interseccionalidade, capazes de a imensa complexidade das sociedades em geral e da sociedade brasileira em particular.

Estão entre os objetivos específicos do LabLinC:

- a) articular o percurso histórico das gramáticas normativas ocidentais (enfatizando a gramática normativa da língua portuguesa) com as questões culturais em seu contínuo processo dialético histórico-social;
- b) articular as questões da cultura letrada com outras expressões socioculturais;
- c) articular as questões da modalidade escrita e da modalidade oral encaixadas na dialética sociocultural;
- d) promover o diálogo e a pesquisa, mais amplos

possíveis, críticos, reflexivos, inclusivos e investigativos, entre língua e sociedade;

- e) oferecer apoio aos cursos de graduação em Letras e outros cursos de Ciências Humanas da UERJ e de outras IES;
- f) fomentar o diálogo e a pesquisa entre a história das gramáticas normativasocidentais (enfatizando a gramática normativa da língua portuguesa) e as transformações sociodiscursivas culturais que permeiam as sociedades;
- g) fomentar a formação crítica dos estudantes e pesquisadores em relação à correlação e interdependência entre história interna e história externa das línguas (filologia, história da língua e linguística histórica);
- h) suscitar reflexões e intercâmbios entre saberes e práticas dos estudos linguístico-filológicos e culturais, dentre eles os que têm como parâmetros o multiculturalismo, a interseccionalidade e a decolonialidade;
- i) despertar e incentivar o interesse de novos filólogos, linguistas, gramáticos,amparados pela complexidade dos estudos transdiciplinares da antropologia cultural;
- j) incentivar e propiciar a circulação de experiências e saberes teórico-práticosno âmbito acadêmico, por meio de publicações, encontros, simpósios, congressos, oficinas, laboratórios.

A gramática em sua norma-padrão está sempre presente nas discussões dos componentes curriculares dos cursos abrangidos em

Letras e em outras graduações da UERJ. Essas discussões são justificadas pela necessária inserção da norma-padrão em estudos que privilegiem o dialogismo entre língua e sociedade. Devemos, portanto, compreender que a norma-padrão precisa ser relativizada dentro do contexto situacional maior das sociedades, das suas historicidades e culturas plurais. A linguística histórica, a filologia e a cultura precisam, assim, ser articuladas, o que será promovido pela parceria CEFIL-LabLinC.

É fato que a gramática normativa não pode ser vislumbrada como linguisticamente superior, isto é, capaz de exprimir "melhor" o pensamento ou agasalhar conceitos mais sofisticados. Seu diferencial reside no fato de que tal norma é uma competência mais rara, visto que aquela que o falante adquire no berço é legítima, mas não é a padrão. Essa valorização — que não é linguística, mas sociocultural — sem dúvida justifica a atenção que o sistema escolar tradicionalmente lhe confere.

Na sociedade contemporânea, atravessada pela complexidade das relações interculturais e multiculturais, com rastros de opressão, fascismo e microfascismo (DELEUZE; GUATTARI, 2011) tentando perpetuar-se, é essencial que se estabeleça e incentive a formação humanista continuada e transdisciplinar. No caso dos estudos de linguagem, tal formação pode ser auxiliada, inclusive, pelo conhecimento da historicidade da gramática normativa e da língua, para que se conheçam os mecanismos de relativização culturalista em que tal historicidade estará sempre inserida nas sociedades.

A gramática não pode ser um instrumento de opressão restrito àqueles que desejam perpetuar os abismos socioculturais de uma sociedade como a brasileira. Seu manejo inserido na perspectiva histórica, filológica (BECHARA, 1985) e cultural (FOUCAULT, 2010a, 2010b; DELEUZE; GUATTARI, 2011), portanto, deve ser sempre perseguido.

Com isso, se amplia a formação discente para âmbitos em que a linguística histórica, a filologia e a cultura apresentem aporte teórico, prático e metodológico para contextualizar a gramática normativa.

Temos mostrado, assim, que, ao apontar os usos apresentados pela norma- padrão, não se deve abonar um possível discurso discricionário ou imbuído de preconceito linguístico, que poderia ocorrer com o estudo descontextualizado dessa mesma gramática normativa.

O campo em que se insere a língua portuguesa é de natureza interdisciplinar – o que propicia uma convergência natural entre ensino, pesquisa e extensão. Considerando que nosso bolsista e muitos de nossos consulentes são tanto pesquisadores quanto potenciais docentes, suas relações com o público deve se destacar pela fundamentação e pela capacidade de buscar respostas didáticas e adequadas a um público não especializado que deseja o conhecimento linguístico-filológico-cultural da língua portuguesa no/ do Brasil.

O CEFIL e o LabLinC, desse modo, sendo um Centro Filológico e um Laboratório de Pesquisa em Linguística Histórica, Filologia e Cultura, trazem projeto de docência totalmente interdisciplinar, que dialoga com todas as disciplinas, obrigatórias e eletivas, do Departamento LIPO, composto pelos setores dePortuguês Língua Materna (PLM), Português Língua Não Materna (PLNM), Filologia e Literatura Portuguesa.

Língua é antes de tudo cultura. Em sociedades multiculturais como a nossa, essa ênfase é ainda mais fundamental. Assim, nosso foco é sobre as questões teóricas e práticas que envolvem língua e sociedade-cultura, através do construto teórico-metodológico da linguística histórica, da filologia (história da língua) e da antropologia (cultura).

Uma das nossas abordagens reside nas investigações sobre as gramáticas normativas ocidentais (gramaticologia e gramaticografia) e seus percursos históricos, que são objeto de estudo encontrado na filologia e na linguística histórica, havendo sempre articulação com os aspectos da cultura, o que já comprova a interdisciplinaridade de nosso Projeto.

Sabemos que a gramática normativaé apenas uma das variantes da língua, considerada, por razões socioculturais, uma variante de prestígio

em certas práticas discursivas. Isto é, nossa articulação central é a dialética permanente entre as línguas, prioritariamente, mas não exclusivamente, a língua portuguesa, e a cultura.

Portanto, faremos essa pesquisa aplicada à graduação sempre em contextualização com as questões culturais e discursivas das sociedades em sua historicidade material clivada de relações de conflito e complexidade. Desse modo, também se estabelece a correlação natural do LabLinC e do CEFIL com todas as disciplinas dos fluxogramas dos demais cursos oferecidos nas graduações pelo ILE-UERJ.

Para darmos um primeiro panorama, citando as disciplinas de graduação mais imediatas que prioritariamente se articulam com o CEFIL e o LabLinC, dentro do setor de Português Língua Materna (PLM), temos:

Língua Portuguesa I (ILE 02-

09889);

Língua Portuguesa II (ILE

02-09890);

Língua Portuguesa III (ILE

02-09891);

Língua Portuguesa IV (ILE

02-09892).

Trata-se de componentes curriculares comuns a todos os cursos de Letras da UERJ, constituindo uma espécie de base comum às graduações do ILE.

Também podemos citar mais proximamente os componentes de:

Língua portuguesa VI (História da língua portuguesa) (ILE 02-09894);

Língua Portuguesa VII (Dialetologia) (ILE 02-09895);

Prática de Produção de Textos I (ILE 02- 10219);

Prática de Produção de Textos II (ILE 02-09933);

Oficina de consultoria linguístico-gramatical (ILE 02-09948);

Oficina de preparação de material didático de língua portuguesa (ILE 02- 09949).

Novos componentes curriculares frutos da Reforma Curricular em curso também entrarão em diálogo com os Projetos. É o caso do componente curricular Estudos transdisciplinares da língua portuguesa.

Devemos salientar também, de imediato, a articulação do CEFIL-LabLinC com todas as disciplinas oferecidas pelo setor de Filologia, uma vez que a história da língua e alinguística histórica estão no cerne do CEFIL-LabLinC. Assim, citem-se:

Prática lexicográfica e ciências do léxico (ILE 02-09892);

Prática de leitura de textos românicos (ILE 02-

09893);

História do português do Brasil a partir de textos (ILE 02-09893);

Filologia românica I (ILE 02-09894);

Filologia românica

II (ILE 02-10053);

Filologia portuguesa

(ILE 02-09907);

Crítica textual (ILE 02-

09892).

Do Setor de Português Língua Não Materna (PLNM), podem ser citadas mais de imediato as articulações com as seguintes disciplinas:

Português como segunda língua I (ILE 02-09919);

Português como segunda língua II (ILE 02-09920).

O estudo e a prática das questões que dizem respeito à gramática normativa padrão (gramaticologia e gramaticografia) são elementos de discussão sempre presentes nas graduações de Letras, tanto de línguas maternas quanto de línguas não maternas. Nosso diálogo com as disciplinas de linguística (Departamento LING) será também fundamental.

Tal estudo e prática também alcançam outras graduações às quais a língua portuguesa é ministrada pelo LIPO. É o caso de Comunicação Social, Relações Internacionais, Relações Públicas, Direito, Comunicação Social, Matemática e outras.

Podemos mencionar, assim, algumas disciplinas de PLM ministradas a outras Unidades da UERJ:

Expressão oral e escrita I (ILE 02-09900);

Expressão oral e escrita II (ILE 02-09902).

Há, portanto, nítido diálogo interdisciplinar entre o CEFIL-LabLinC e os componentes curriculares oferecidos por todos os Departamentos do ILE-UERJ nos cursos de licenciatura das dez habilitações oferecidas em nosso Instituto de Letras. Também, de imediato, as graduações das outras Unidades da UERJ citadas dialogarão com o LabLinC a partir das disciplinas de língua portuguesa que lhe são oferecidas. Há também diálogo nítido com as pós-graduações *lato* e *stricto sensu* dos cursos de Letras e de outras Ciências Humanas ou afins, o que se mostra muito proveitoso para os cursos de graduação, pois amplia as suas interlocuções possíveis.

Sabemos que estudos e práticas que tratam da gramática normativa, a respeito de seu ensino e suas técnicas de escrita, são pontos que requerem, sempre, contextualização social, em que a cultura e a materialidade histórica estão inevitavelmente presentes. Isso exige esforços transdisciplinares, para que os estudos relativos à norma-padrão não se tornem imbuídos de preconceitos linguísticos. A norma-padrão nunca deve ser enfocada ou discutida como se fosse o modelo central do idioma. Tampouco a diversidade discursiva (não normativa) das línguas deve ser pesquisada como algo

periférico dentro de sua funcionalidade e sistema.

Assim sendo, a linguística histórica, a filologia e a cultura, articuladas – os focos primeiros do CEFIL e do LabLinC –, compõem estudos que promovem a formação crítica dos futuros professores, pesquisadores e agentes de Letras e de Ciências Humanas, sobretudo os do nível da graduação, e são, nessa articulação, essenciais ao profissional que está em formação ou em aprimoramento.

A articulação do CEFIL-LabLinC com as disciplinas dos cursos de graduação do ILE- UERJ e de outras Unidades se revela, portanto, essencial.

3 Caráter democratizante da escolarização e do letramento promovidos pelo CEFIL: lições da filologia e da história da língua portuguesa para a contemporaneidade

A importância das Ciências Humanas está cada vez mais evidente no mundo onde as complexidades e diversidades se intercambiam incessantemente, pressionadas por lutas de classes e ideologias opressoras e hegemônicas tentando impor-se contra as classes e ideologias oprimidas e não hegemônicas. Isso se nota sobretudo no quesito cultural, onde práticas aculturadoras são repetidamente estabelecidas (GUATTARI; DELEUZE, 2011). Esse cenário atual requer agentes capacitados a transitar criticamente na pluralidade que se apresenta no âmbito social, ao mesmo tempo em que solicita que possam desenvolver práxis de mudanças nesses cenários opressivos.

Especificamente no caso dos agentes dos cursos de Letras, estes devem levar em conta que os estudos de língua e sociedade, gramática normativa, discursividadee cultura, se mostram cada vez mais interdependentes, graças a seus aspectos funcionais e sistêmicos (BASTOS, 2012; BECHARA, 1991). A relação entre a gramática normativa e a discursividade é dialética, pois se trata de contínuo sociocultural nem sempre de fácil delimitação (FIORIN, 2008). Como foi apontado, a gramática normativa é o resultado do recorte

de apenas uma das variantes da língua, considerada de prestígio em certas práticas linguístico-discursivas.

Por outro lado, promover o acesso do maior número possível de pessoas à gramática padrão, enquanto variante das culturas escolarizada e letrada, pode constituir importante práxis de transformação social por meioda educação. Sobre essa acessibilidade, todos os livros sobre normapadrão, interpretação de textos e linguística forense que tenho publicado recentemente possuem acessos gratuitos, com downloads integrais acessíveis universalmente (CHINI; CAETANO, 2019; CHINI; CAETANO, 2020; CHINI; CAETANO, 2021).

Acredito que, nesse sentido, o acesso do maior número possível de pessoas a essas práticas linguísticas normativas, seguindo a vocação da UERJ como Universidade pública, gratuita e universal, de excelência reconhecida internacionalmente, constitui elemento de educação e veículo democratizante e inclusivo. Esse acesso constitui práxis democrática e civilizatória importante na nossa sociedade brasileira atual, e deve ser sempre estimulada e fomentada (TIBURI, 2015; VIEIRA, 2022).

Assim, com o CEFIL-LabLinC, o diálogo que se estabelece entre, de um lado, a linguística histórica e a filologia (enquanto campos investigativos da história das línguas e das suas mudanças, que podem ser chanceladas em suas gramáticas normativas) e, de outro lado, as questões culturais dos povos e das sociedades (enquanto investigações das dinamicidades presentes nas mudanças antropológicas e sociodiscursivas) apresenta-se como caminho fecundo para todo um campo de formação nas Ciências Humanas em geral e nas Letras em especial.

Sobre os aspectos dialéticos e interculturais constantes presentes nos estudos em língua e cultura, Hugo Schuchardt, um dos precursores da filologia românica, percebeu que as línguas captam as transformações externas que as sociedades atravessam. Com isso, observou que as forças de conservação e de inovação sociais atuam conjunta e dialeticamente sobre os idiomas, possibilitando que gramáticas normativas e dicionários sejam

compilados, ao mesmo tempo em que a pluralidade discursiva estará sempre à frente desses compêndios (SCHUCHARDT, 1868).

Um exemplo em que a linguística histórica e a filologia poderiam ser acessadas como base para compreender as transformações culturais evidenciadas no presente da língua é o caso da linguagem inclusiva no português brasileiro contemporâneo (CAETANO, 2020, 2022, 2024b). Transformações morfossintáticas sempre existiram nas línguas, e as variações e mudanças não são excepcionalidades, mas, sim, regras.

Vemos variantes e mudanças análogas desde o latim, com modificações categoriais intercorrentes. Como ensina Ivo Castro, a história do português começa sendo uma história do latim. Também verificamos, com Carvalho, que "no caso do português, uma língua românica, esse estudo deve ter como ponto de partida a distinção latim clássico/latim vulgar" (CARVALHO, 2004).

Assim, desde o latim vulgar (século III) até o galego-português (século VIII até o século XIII) e, em seguida, com a língua portuguesa (século XIII em diante), foram as formas variantes e mesmo dissidentes que conduziram a deriva das línguas que formaram o português que foi trazido para a América, a África e a Ásia (CAETANO, 2017). A filologia e a linguística histórica podem, portanto, ser subsidiárias às pesquisas em cultura, história e sociedade contemporâneas, pois suas conclusões convergem, o que é um dos pressupostos teórico-metodológicos do CEFIL-LabLinC.

Essa dialética constante entre a língua e a sociedade, resultado das próprias dinâmicas sociais, precisa ser objeto de pesquisa e de formação do estudante de Letras. A partir de tais dinâmicas sociais se estabelecem as interdisciplinaridades em que se baseia o CEFIL-LabLinC, que são aquelas havidas entre a linguística, a linguística histórica, a gramaticologia, a gramaticografia, a filologia e a antropologia cultural. Naturalmente a dialetologia e as sociolinguísticas também perfazem campos investigativos importantes nessa articulação, com suas reflexões e pesquisas (BOMFIM, 2002; TARALLO, 1994, 1999).

Outros estudos e vertentes multiculturais recentíssimos das Ciências Humanas e Sociais também demonstram inclinação para o diálogo com o construto teórico-prático do CEFIL-LabLinC, como as próprias questões de feminismo, gênero, sexualidade e identidade(BUTLER, 2003), as releituras de Freud (FOUCAULT, 2010a, 2010b) e assim por diante.

O CEFIL-LabLinC enveredará ainda mais detidamente sobre as questões sociais e culturais e suas conexões diretas com as línguas e a história de suas formas de expressão linguístico-discursiva normativa e não normativa nas suas respectivas sociedades.

4 A "problemática" das gramáticas da língua investigada pelo CEFIL-LabLinC

No CEFIL, as questões da gramática normativa da língua portuguesa são as mais procuradas. No entanto, nossos consulentes, estudantes e pesquisadores não se restringem à lusofonia, o que exige que tenhamos de expandir nossas investigações à linguística, à linguística histórica, às sociolinguísticas, à dialetologia, à filologia e às gramáticas comparadas de outras llínguas, sobretudo as abrangidas pela filologia românica (BRITO; LOHSE; NETO, AZEREDO, 2010).

Assim sendo, o CEFIL-LabLinC partirá sempre da consideração de que o conceito de gramática não se circunscreve à gramática normativa ou à língua padrão, mas se expande à descrição que enfatiza o caráter primordialmente comunicativo-interacional de uma língua: "Devemos levar em conta que o conceito de gramática não se confunde necessariamente com o conceito de norma-padrão. A gramática é o conjunto de regras fonético-morfossintáticas que permitem que se construam as frases de um idioma" (CAETANO, 2020, p. 95).

Indo além, Irandé Antunes explicita:

Uma língua, qualquer língua do mundo, é um conjunto de recursos vocais (ou de recursos gestuais, como no caso das línguas de sinais) de que as pessoas dispõem para realizar seus objetivos sociocomunicativos em situações de interação umas com as outras. (...) Qualquer língua, também, se constitui, essencialmente, como atividade de interação, em que duas ou mais pessoas, reciprocamente, se empenham por cumprir algum propósito comunicativo numadada situação social (ANTUNES, 2014, p. 23).

Por sua vez, a gramática normativa especificamente é apenas um dentre os muitos recortes discursivos possíveis na estatura cultural, comunicativa, geopolítica e interacional de determinada língua, que é sempre revestida de historicidade. A linguística histórica e a história da língua (filologia) comprovam essa questão cultural, daí a articulação do CEFIL-LabLinC.

A acessibilidade ao conhecimento crítico e reflexivo da gramática padrão caracteriza pilar importante das pesquisas e práticas do CEFIL-LabLinC. Articulando-se a isso, o domínio linguístico é descrito por Bourdieu como espaço em que

os agentes e as instituições lutam, seguindo as regularidades e as regras constitutivas desse espaço de jogo (e, em certas conjunturas, tendo em vista essas regras mesmas), com graus diversos de força e, por isso, com possibilidades diversas de sucesso, por se apropriar de lucros específicos que estão em jogo. Aqueles que dominam em um dado campo estão em posição de fazê-lo funcionar em seu proveito, mas eles devem sempre contar com a resistência, a contestação, as reivindicações, as

pretensões, "políticas" ou não, dos dominados. (BOURDIEU, 1983, p. 78).

Faraco nos faz perceber a importância das articulações entre gramática, filologia e sociedade quando situa a questão no âmbito da linguística histórica e da filologia, apresentando os conceitos de história interna e história externa da língua, que perseguem didaticamente as metas do CEFIL-LabLinC:

Estudos empíricos, no presente e no passado, vêm sugerindo que fatores sociais têm influência direta ou indireta nos processos de mudança das línguas. Desse modo, não parece adequado tratar a língua como uma realidade autônoma, imune à história de seusfalantes. Por isso, buscar uma metodologia que integre história interna e história externa (encaixamento estrutural e encaixamento social) é diretriz básica para muitos linguistas históricos. (FARACO, 2005, p. 61)

Em obra de minha autoria, aprofundo a distinção entre história externa e história interna. Trata-se de conceitos que coligam os campos investigativos do CEFIL-LabLinC, uma vez que articulam as questões das mudanças históricas, sociais, culturais e antropológicas (encaixamento social) com as mudanças linguístico- gramaticais (encaixamento estrutural) que se perpassam e atravessam mutuamente. Esse diálogo converge com a dialética que o CEFIL-LabLinC promove justamente entre a linguística histórica / filologia e os elementos culturais:

Por <u>História Externa</u> entendemos os fatores de natureza geopolítica, social, antropológica, econômica etc. que ensejaram movimentos de indivíduos e de povos que, por sua vez,

acarretaram acontecimentos relevantes e influentes na deriva ("drift", cf. Sapir) da língua.É um elemento atinente à História Externa da língua, por exemplo, o fato de que, em 1759, o Marquês de Pombal expulsa os jesuítas do solo brasileiro e estabelece as escolas régias leigas, o que implicou a oficialização da língua portuguesa diante da chamada "língua geral" (o tupinambá). Em 1279, em Portugal, D. Dinis tornara a língua portuguesa a língua oficial do reino, numa política de língua de que o Marquês de Pombal veio a aproximar-se depois.

História Interna é conceito que toca de perto nos aspectos categoriais, sistêmicos e estruturais de uma língua ao longo do tempo. Assim, por exemplo, a observação da queda da categoria de declinação, que havia em latim, quando nos referimos à língua portuguesa, constitui conclusão da História Interna da língua. A ausência de artigos em latim e o aparecimento dessa categoria externada nos planos do conteúdo e da expressão em língua portuguesa perfazem afirmações da História Interna da língua. (CAETANO, 2017, p. 98)

Sobre a questão cultural e sua articulação com os aspectos linguísticos, Faraco nos fala também da gramática normativa (aqui, particularmente da língua portuguesa) inserida no contexto específico da cultura letrada, ou da modalidade escrita, nos seguintes termos:

As variedades que constituem o português standard escrito, pelo estatuto sociocultural que adquiriram em decorrência de sua ligação com as práticas da cultura letrada, recebem especial atenção cultural e são objeto de esforços de codificação:

busca-se fazer o registro do seu universo lexical nos dicionários e apresentar suas características morfossintáticas em manuais de gramática.

Esses dicionários e gramáticas, ao lado dos vocabulários ortográficos, constituemos chamados instrumentos normativos que são usados como referência pelos que escrevem para adequar seus textos às expectativas sociais que perpassam as práticas discursivas de cada esfera da atividade escrita (direito, ensaística, filosofia, ciência, jornalismo, literatura, etc.). (FARACO, 2016, p. 15)

Ainda sobre a questão da modalidade escrita das línguas e seu impacto na cultura das sociedades, Sylvain Auroux, ampliando uma vez mais para o campo da gramaticologia e gramaticografia ocidental, e não exclusivamente a da língua portuguesa, fala da "revolução tecnológica da gramatização". Trata-se de fenômeno proveniente de um momento histórico em que os dicionários e as gramáticas normativas, os compêndios de modalidade escrita citados por Faraco — aquilo que Auroux chama de "instrumentos linguísticos" —, modificaram as sociedades ocidentais. Isso fez com que essas sociedades estabelecessem de certa forma suas próprias concepções de "civilização", inclusive no que esta apresenta de caráter dominador e aculturador sobre outros povos dominados.

Esse momento descrito por Auroux é o que se conhece como Renascimento, ocorrido na Europa entre os séculos XV e XVI, o qual coincide com a expansão ultramarina europeia e a consequente entrada dos colonizadores portugueses no Brasil. Auroux fala assim da "revolução tecnológica da gramatização":

O Renascimento europeu é o ponto de inflexão de um processo que conduz a produzir

dicionários e gramáticas de todas as línguas do mundo (e não somente dos vernáculos europeus) na base da tradição greco-latina. Esse processo de "gramatização" mudou profundamente a ecologia da comunicação humana e deu ao ocidente um meio de conhecimento / dominação sobre as outras culturas do planeta. Trata-se propriamente de uma revolução tecnológica que não hesito em considerar tão importante para a história da humanidade quanto a revolução agrária do Neolítico ou a Revolução Industrial do século XIX (AUROUX, 2009, p. 8-9).

Assim, a própria língua portuguesa na variante brasileira deve encarar seu aspecto de superestrato (CÂMARA JR., 2011) proveniente de povos dominadores (os colonizadores portugueses) sobre os povos dominados.

Benedict Anderson vai ao século XIX e fala de uma "revolução filológico- lexicográfica", e seu impacto na conformação de nações em função das línguas originárias que se estabeleciam desde a Idade Média. O historiador e antropólogofoca, aqui, sobretudo nas suas sistematizações em compêndios normativos escritos (as gramáticas e os dicionários), que traziam aquelas línguas às agendas de discussões sociopolíticas e antropológico-culturais das nações que então se formavam, como elementos culturais que moldavam as próprias identidades dos povos:

No decorrer e, principalmente, na segunda metade do século XIX, a revoluçãofilológico-lexicográfica e o surgimento de movimentos nacionalistas na Europa, frutos não só do capitalismo mas da elefantíase dos estados dinásticos, foram criando várias dificuldades culturais, e, portanto, políticas para muitas dinastias.

(...)

A revolução lexicográfica na Europa, porém, criou e aos poucos difundia convicção de que as línguas (pelo menos naquele continente) eram, por assim dizer, propriedades pessoais de grupos muito específicos, "seus leitores e falantes diários", e, ademais, que esses grupos, imaginados como comunidades, tinham o direito de ocupar uma posição autônoma dentro de uma confraria de iguais. Assim, os incendiários filológicoscolocaram os dinastas perante um dilema incômodo que só veio a se aprofundar. (ANDERSON, 2013, 127-128).

Considerações finais

Todo esse conhecimento diacrônico de língua e sociedade, que a linguística histórica e a filologia proporcionam, deve ser articulado à descrição sincrônica da gramática normativa e seus compêndios como apenas um entre os muitos instrumentos discursivos de uma língua — o instrumento de prestígio sociocultural presente em algumas práticas linguísticas. Para isso, é preciso que se estabeleça o diálogo entre a linguística histórica / filologia (encaixamento estrutural) e a antropologia cultural (encaixamento social), como foi mostrado, para que todos os componentes sociodiscursivos sejam articulados e observados com igual peso.

Esses componentes, que são os objetos de estudo do CEFIL-LabLinC, devem propiciar, com isso, reflexões críticas sobre a gramática normativa (a norma-padrão) e todas as demais expressões discursivo-interacionais e socioculturais das línguas em geral e da língua portuguesa em particular, com sua geo-história, política, cultura e antropologia próprias.

Referências bibliográficas

ALMEIDA, Jacqueline; VERONESE, Osmar. "O marco da constituição federal de 1988 e a trajetória de reconhecimento jurídico das diferenças identitárias no Brasil". In: Anais do Congresso Brasileiro de Processo Coletivo e Cidadania, n. 8, Ribeirão Preto/São Paulo, 2020, p. 1098-1120.

ANDERSON, Benedict. *Comunidades imaginadas*. Tradução de Denise Botmann.São Paulo: Companhia das letras, 2013.

ANTUNES, Irandé. *Gramática contextualizada – limpando "o pó das ideias simples"*. São Paulo: Parábola, 2014.

AUROUX, Sylvain. *A revolução tecnológica da gramatização*. Tradução de EniPuccinelli Orlandi. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 2009.

BASTOS, Neusa Barbosa. *Língua Portuguesa: aspectos linguísticos, culturais eidentitários.* São Paulo: EDUC - IPPUCSP, 2012.

BECHARA, Evanildo. *Ensino da Gramática. Opressão? Liberdade?* São Paulo: Ática,1985.

"Gramática funcional: natureza, funções e tarefas". In: MOURA NEVES, Maia Helena (org.). Descrição do Português II. Publicação do curso de Pós-Graduação em Língua Portuguesa, Ano V, n. 1, UNESP, Campus de Araraquara, 1991.

BOMFIM, Eneida do Rego Monteiro. Estudos do português popular: "A linguagem doscantadores", de Clóvis Monteiro. *Revista Idioma / UERJ*, Rio de Janeiro, n. 22, p. 14-20, 2002.

Acesso em27/06/2025

BORTONI-RICARDO, Stella Maris. *O professor pesquisador: introdução* à *pesquisaqualitativa*. São Paulo: Parábola Editorial, 2008

BOURDIEU, Pierre. *Questões de sociologia*. Tradução de Miguel Serras Pereira. Riode Janeiro: Marco Zero, 1983.

BRASIL. Constituição de República Federativa do Brasil de 1988. Disponível http://www.planalto.gov.br/ccivil 03/constituicao/constituicao.htm>. Acesso em: 10 jul. 2025. BRITO, Ana Maria; LOHSE, Birger; NETO, Godofredo de Oliveira; AZEREDO, José Carlos. Gramática comparativa Houaiss. Quatro línguas românicas. Português, espanhol, italiano, francês. São Paulo: Publifolha, 2010. BUTLER, Judith. Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade. Tradução Renato Aguiar. Rio de Janeiro: Civilização brasileira, 2003. CAETANO, Marcelo Moraes. Gramática Reflexiva da língua portuguesa. Rio deJaneiro: Editora Ferreira, 2013. Morfologia da língua portuguesa: breve história filológica do latim ao século XX. Seattle: Amazon Books, 2017. Em busca do novo normal. Reflexões sobre a normose em um mundo diferente. Rio de Janeiro: Jaguatirica, 2020. Freud e psicanálise: primeiros contatos com a teoria e a prática clínica. Rio de Janeiro: Jaguatirica, 2022. Platão e Aristóteles na terra do sol: origens remotas do conservadorismo brasileiro. Ouro Preto-Buenos Aires: Caravana/Caburé, 2024a "Reflexões sobre a inclusão histórica de grupos sociais na cultura e na língua". In DOMINGUEZ, Michelle Gomes Alonso; VELOZO, Naira de

Pedro & João Editores, 2024. São Paulo: Editora Pedro e João, 2024b CÂMARA JR., Joaquim Mattoso. *Dicionário de linguística e gramática: referente àlíngua portuguesa*. Petrópolis: Vozes, 2011 [1956]. CARVALHO, Castelar. "História interna da língua portuguesa". Cadernos da

Almeida; COSTA, Thaís de Araujo da [Orgs.]. *Políticas de língua, políticas na língua: reflexões sobre diversidade de gênero e inclusão*. São Carlos:

CARVALHO, Castelar. "Història interna da língua portuguesa". Cadernos da AcademiaBrasileira de Filologia. Volume II,

filologia.org.br/abf/volume2/numero2/05.htm> Acesso em 27 de maio de

CHINI, Alexandre; CAETANO, Marcelo Moraes. Argumentação jurídica:

2004

In

http://www.

2,

número

2025.

Editora Atlas, 2008.

indo além daspalavras. Brasília: OAB Editora, 2019. Gramática normativa da língua portuguesa: um guia completo do idioma. Brasília: OAB Editora, 2020. Tratado de colocação pronominal. Edois textos jurídicos. Brasília: OAB Editora, 2021. DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. O anti-Édipo: capitalismo e esquizofrenia. SãoPaulo: Editora 34, 2011. FARACO, Carlos Alberto. Linguística histórica: uma introdução ao estudo da históriadas línguas. São Paulo: Parábola Editorial, 2005. A modalidade escrita formal da língua. In: GARCEZ, Lucília Helena do Carmo; CORRÊA, Vilma Reche (org.). Textos dissertativoargumentativos: subsídios para qualificação de avaliadores. Brasília : Cebraspe, 2016, p. 9-17. FIORIN, José Luís. Em busca do sentido: estudos discursivos. São Paulo: Contexto, 2008. FOUCAULT, Michel. A hermenêutica do sujeito. São Paulo: Martins Fontes, 2010a. As palavras e as coisas: uma arqueologia das ciências humanas. São Paulo: Martins Fontes, 2010b. FREIRE, Paulo. Pedagogia do oprimido. 17ª. Ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

GIL, Antonio Carlos. Metodologia do Ensino Superior. 4ª ed. São Paulo:

MORIN, Edgar; TERENA, Marcos. Saberes Globais e Saberes Locais -

o OlharTransdisciplinar. Rio de Janeiro. Garamond, 2009.

PIAGET, Jean; GARCIA, Rolando. *Psicogênese e História das Ciências*. Trad. GiselleUnti. Petrópolis: Vozes, 2011.

SCHUCHARDT, Hugo. *Der Vokalismus des Vulgärlateins* [O vocalismo do latimvulgar]. Leipzig: Teubner, 1868.

TARALLO, Fernando. *A pesquisa sociolinguística*. 6ª edição. São Paulo, Editora Ática,1999.

_____ *Tempos linguísticos*. 2^a ed. São Paulo: Ática, 1994.

TIBURI, Márcia. *Como conversar com um fascista. Reflexões sobre o cotidiano autoritário brasileiro*. 2 a. ed. Rio de Janeiro, São Paulo: Record, 2015.

VIEIRA, Liszt. *A Democracia Reage: o Brasil de 2020 a 2022*. Rio de Janeiro:Garamond, 2022.

WINK, Georg. *Brazil, land of the past. The ideological roots of the new right.* Cuernavaca, Morelos (Mexico): Bibliotopía, 2021.